

COMO EU ENTENDO CÉREBRO E PENSAMENTO

ERNESTO BOZZANO

**Anotações
Valentim Neto (2019)
neto.aga@gmail.com**



A Montanha de no Auvergne

CONTEÚDO RESUMIDO

O grande mestre da Ciência da Alma como é conhecido Ernesto Bozzano vem trazer mais 4 de suas monografias como; “Cérebro e Pensamento”, “O Objeto da Vida”, “Em defesa da Alma” e “Reminiscência de uma Vida Anterior”, das quais não se pode dizer qual a mais extraordinária.

SUMÁRIO

Os trabalhos de Bozzano	4
Primeira Monografia - Cérebro e Pensamento	6
Segunda Monografia - O objeto da vida	15
Terceira Monografia - Em defesa da alma	22
Quarta Monografia - Reminiscências de uma vida anterior	36

OS TRABALHOS DE BOZZANO

Sempre li Ernesto Bozzano com muito interesse. Por isto, tive imenso prazer em traduzir a presente obra “Cérebro e Pensamento”, com a assinatura do grande estudioso e pesquisador italiano. Esta deve ocupar lugar de destaque nas estantes de todos aqueles que se interessam pelos problemas da alma humana, seja pela importância dos quatro assuntos aqui abordados seja pela lucidez e reconhecida capacidade de seu autor.

Bozzano é, sem dúvida nenhuma, uma das maiores expressões da literatura clássica do Espiritismo, sendo, talvez, aquele que em seu tempo mais se dedicou aos estudos dos produtos mediúnicos, seja relacionando-os entre si para obter concordâncias e discordâncias, seja comparando-os com os conhecimentos científicos e filosóficos da época.

Convicto do valor das informações Espíritas e defensor da existência dos Espíritos e de sua comunicabilidade com os humanos, Bozzano deixou um número muito grande de estudos, monografias e obras completas sobre a fenomenologia e suas diversas consequências.

Com este livro o leitor tem, de fato, não um, mas quatro excelentes trabalhos: Cérebro e Pensamento, O Objeto da Vida, Em Defesa da Alma e Reminiscências de uma Vida Anterior, todos eles atraentes e extremamente interessantes, justificando totalmente sua reunião nesta obra.

Ainda hoje o humano se defronta com fatos que desafiam a inteligência humana e, por que não, às vezes deboçam de seus avanços científicos. Este é o caso, por exemplo, do cérebro do humano, cuja compreensão não encontra ainda estudos completos, apesar dos grandes avanços obtidos.

Em “Cérebro e Pensamento”, Ernesto Bozzano demonstra como se pode, em uma simples monografia, estudar, comparar e definir uma tese esclarecedora para os casos das pessoas que conservam sua inteligência apesar da destruição parcial de seu cérebro, tese esta embasada na existência, sobrevivência e imortalidade do Espírito humano, agregando aos seus argumentos todo um acervo de fatos e comparações como prova indiscutível de sua tese.

Analisando a teoria do “paralelismo psicofisiológico”, diz o autor: “Tal como foi formulada pelos fisiólogos, não prejudica absolutamente as origens da atividade psíquica. Limita-se simplesmente a comprovar a existência de uma correlação incontestável entre os fenômenos psíquicos e as funções morfológicas do cérebro...”.

Na monografia “O Objeto da Vida”, Bozzano prossegue estudando as informações colhidas via mediunidade, rigorosamente verdadeiras, bem como as conclusões de vários estudiosos do assunto, com o fim de demonstrar que a finalidade da vida no planeta Terra, assim como nos demais mundos materiais semelhantes que compõem o Universo, é de tornar possível a individualização da alma, mostrando, assim, que a teoria de que a Terra é uma escola onde os Espíritos reencarnam para se educar é de imenso valor, mas secundária, uma vez que, como a Terra, existem outros milhares de mundos que realizam essa função educativa. Diz ele: “Tudo contribui para demonstrar que o objeto fundamental da existência da vida nos mundos diversos é a individualização da alma através de sua passagem pela escala ascensional de todos os seres vivos até o humano”.

Na monografia seguinte, Bozzano estuda os prós e contras da sobrevivência da alma, demonstrando para ateus e materialistas a lógica da tese da imortalidade e comunicabilidade da alma. Em “Reminiscências de uma Vida Anterior” - não sem antes relutar para aceitar a história narrada pelo personagem principal (e por ele mesmo pesquisada) - o autor desenvolve o estudo na direção de mais uma vez comprovar a realidade da reencarnação.

Vemos, pois, ao lado de interessantes temas muito bem apresentados, uma sequência de assuntos que partem da supremacia do Espírito humano sobre o cérebro físico, passam por sua individualização nas experiências planetárias com o corpo material, caminham sobre estudos e fatos que comprovam definitivamente a existência e sobrevivência da alma e finalizam na tese das vidas sucessivas do Espírito humano, que retorna ao planeta milhares de vezes para realizar a sua evolução.

O valor complementar deste livro pode ser creditado à disposição da Editora EME de incluí-lo no projeto editorial e colocá-lo a disposição do leitor, o que representa um esforço elogiável especialmente neste momento ímpar vivido pelo humano, em que grande parte do mercado editorial está voltada para obras interessantes, porém menos profundas, sem deixar lugar algum para o trabalho de pensadores da estirpe de Ernesto Bozzano, sem os quais o conhecimento Espírita se empobrece enormemente.

Vale, para finalizar, lembrar ao leitor as dezenas de obras de Ernesto Bozzano, que podem e devem ser consultadas, entre as quais se encontram “A Crise da Morte”, “Fenômenos de Bilocação”, “Xenoglossia”, “Pensamento e Vontade” e muitas outras.

Nilson Garcia

(Anotações:

Peço aos companheiros de leitura desta obra que prestem muita atenção as palavras ‘alma’ e ‘Espírito’, pois deve ficar claro que alma é o Espírito encarnado! Qualquer outra interpretação não pertence à Doutrina dos Espíritos! Outra colocação a ser observada é a da ‘opinião’ individual de alguns autores quanto ao evolutivo do Espírito, eles colocam o evolutivo desde o mineral, misturando a ‘atração’, o ‘instinto’ e a ‘inteligência’ numa mesma definição...

PRIMEIRA MONOGRAFIA

CÉREBRO E PENSAMENTO

Os casos de indivíduos que conservam sua inteligência apesar da destruição parcial ou total do cérebro conduzem, logicamente, a reconhecer a existência no humano de um Espírito independente do organismo corporal, provido de um corpo etéreo; sede da memória integral e das faculdades sensoriais supranormais.

A teoria do “paralelismo psicofísico” sempre foi o maior obstáculo a impedir ainda hoje que alguns eminentes representantes da ciência oficial admitam a interpretação espiritualista dos fenômenos mediúnicos. Este obstáculo lhes parece, de fato, tão insuperável que se jogam a uma busca ansiosa e incessante de hipóteses sempre renovadas, cada vez mais audazes, a maior parte delas puramente verbais, por meio das quais se esforçam em conseguir a ilusão de uma interpretação naturalista das manifestações mediúnicas. Mas estas permanecem mais do que nunca refratárias a qualquer interpretação desta natureza.

Nestas condições, é preciso demonstrar a fisiólogos e psicólogos que a doutrina do “paralelismo psicofísico”, encarada nos limites estritamente funcionais das relações que existem entre o cérebro e os estados de consciência, não apenas não está em contradição com a outra teoria da existência e supervivência do Espírito humano, senão que, pelo contrário, deve acolher-se como legítima, indiscutível e irrefutável, inclusive pelos defensores da hipótese Espírita.

Por outro lado, não vemos como poderia ser de outro modo. De fato, a teoria do “paralelismo psicofísico”, tal como foi formulada pelos fisiólogos, não prejudica absolutamente as origens da atividade psíquica. Limita-se simplesmente a comprovar a existência de uma correlação incontestável entre os fenômenos psíquicos e as funções morfológicas do cérebro, constituindo um justo meio entre as doutrinas extremistas opostas do grosseiro materialismo filosófico, segundo o qual o cérebro é uma glândula que segrega o pensamento, e o idealismo puro que diz não existir nenhuma relação entre a atividade psíquica e as funções morfológicas correspondente do cérebro, o que é um absurdo, já que, em tal caso, o cérebro seria um órgão inútil.

Sabe-se que Taine, ao comentar a doutrina do “paralelismo psicofísico”, compara a dupla função – psíquica e física - do cérebro, como uma obra escrita em duas línguas: a original do autor, que representaria a função psíquica e outra, cujo texto consistiria em uma simples tradução do original e representaria a função física. Tal similitude, ao mesmo tempo em que é feliz e surpreendente, aclara as funções do cérebro sem prejudicar a questão da origem da atividade psíquica propriamente dita, mostrando o caminho a ser seguido para conciliar os partidários do “paralelismo psicofísico” com os defensores da espiritualidade da alma.

Falando de outra forma, e verdade, que a razão de ser do cérebro, como órgão do pensamento, é que, graças a ele vemos cumprir-se uma dupla função psíquica indispensável para que o Espírito possa relacionar-se com o meio terrestre, ou seja: a função de “traduzir” as inumeráveis vibrações físicas do mundo exterior que chegam ao cérebro, pelos sentidos, em vibrações psíquicas perceptíveis para o Espírito e, por outro lado, a função de “transmitir” à periferia as imagens psíquicas por meio das quais o Espírito responde às vibrações específicas que chegam a ele do meio terrestre.

Pois bem, é inevitável que estas funções do cérebro não possam realizar-se sem uma dispersão correlativa de energia nervosa, em perfeita equivalência com a natureza e intensidade das atividades psíquicas em função, o que está absolutamente de acordo com afirmações dos físicos.

Segue-se que a natureza das funções cerebrais, em relação com o “paralelismo psicofísico” é suscetível de interpretação de um modo muito diferente do que geralmente se adota nos ambientes universitários. Pedro Siciliani, o eminente filósofo italiano, em sua *Psicogenia Moderna*, sustenta a este respeito que o pensamento tem o dever de deter-se no umbral do “Realismo fenomênico”, ou seja, deve limitar-se a afirmar a correlação indubitável, por uma lei de equivalência, entre as atividades opostas, morfológica e psíquica, no sentido de uma correspondência paralela e não de uma conversão absoluta. Reconhece deste modo a irreducibilidade de ambos os fatos. Essa afirmação é de uma sabedoria profunda. De fato, esta atitude de prudente reserva, combinada com uma negação taxativa do materialismo grosseiro que estava em voga em seus tempos, era a única em acordo com as condições do saber antes da intervenção das investigações metapsíquica que, ao revelar a existência de uma região psíquica insuspeitada até então, abria a rota para novas induções, novas deduções, novas sínteses, novas teorias capazes de conciliar os dois polos do pensamento filosófico moderno.

Por sua vez, o professor William James, em sua monografia “*The Immortality of Man*”, vai mais longe que Siciliani, especificando o que é, verossimilmente, a função real do cérebro no “paralelismo psicofísico”. Lembra que podem ser admitidas três diferentes espécies de funções: a função produtiva (sustentada pelos materialistas), a função permissiva (por exemplo, a ação de disparar um fuzil, que determina a explosão da pólvora) e a função transmissiva (por exemplo, a de um prisma ou uma lente). Segundo William James, esta última é a função que compete ao cérebro. De acordo com esta teoria, a individualidade psíquica que utiliza o corpo é distinta do corpo, tanto quanto é distinta da luz o prisma que a refrata e decompõe em um espectro colorido. De maneira que os que afirmam que o cérebro cumpre a função de produção do pensamento, poderiam ser comparados aos que sustentaram que o prisma produz a luz. Em apoio a sua tese, o professor James expõe vários fatos fisiológicos e psicológicos incompatíveis com qualquer outra explicação.

De minha parte, expus recentemente uma teoria complementar da que acaba de ser lida, que supõe uma dupla função do cérebro: em primeiro lugar, a de tradução e, depois, a de transmissão. Ou seja, as vibrações específicas que chegam ao cérebro do mundo exterior, por meio dos sentidos, traduzem-se nele nos termos sensório-psíquicos, perceptíveis pelo Espírito (um Espírito que não pode perceber as vibrações físicas); o resultado é um estado de consciência a que responde o Espírito, opondo a imagem psíquica correspondente, graças à qual age sobre os centros de enervação eferente, que a transmitem à periferia em termos de ação especializada, correspondentes ao estímulo perceptivo original.

Em apoio ao que acabo de dizer, recordarei rapidamente que os fisiólogos consideram a substância cortical do cérebro como um conjunto de “centros de elaboração do pensamento por meio de imagens psíquicas”. Assim, por exemplo, o centro da linguagem se exercitaria por meio de imagem fonéticas das palavras o que explica a contradição aparente que se verifica no fato de que quando se lesiona o centro da linguagem, perde-se a palavra (afasia), sem que exista paralisação dos órgãos fonéticos. Está, portanto, fora de dúvida que os centros de enervação eferente são estimulados por meio de “imagens psíquicas”.

Depois de expor nossas teses em termos científicos, resta-nos expô-las em termos filosóficos, observando que, se é verdade que o Espírito humano tem em si mesmo uma chispa de essência divina, não é menos certo que o “divino” que existe no Espírito humano não consegue individualizar-se senão passando do domínio do “Absoluto” ao “Relativo”, do domínio do “Númeno” ao “Fenômeno”. Conclui-se que para pôr-se em relação com as manifestações do universo fenomênico, o Espírito necessita de um órgão

transformador apropriado: este órgão é o cérebro. Assim, em suas relações com o Espírito, o cérebro está encarregado de colocá-lo em condições de perceber uma fração determinada da Realidade Incognoscível em termos de um sistema dado de aparências fenomênicas tais como se manifestam, com modalidades sempre diferentes, em todo mundo habitado do Universo, aparências fenomênicas pelas quais o Espírito está destinado a existir e a exercitar-se com vistas à sua elevação ulterior no conhecimento da Realidade Absoluta, vista através das infinitas modalidades nas quais se transforma manifestando-se no Relativo. Compreende-se, pois, a necessidade que tem o Espírito de possuir um cérebro que sirva de órgão transformador da Realidade Absoluta em termos de manifestações Relativas e Fenomênicas, função infinitamente importante para a qual estão destinados os inumeráveis mundos que povoam o Universo.

Do ponto de vista do “paralelismo psicofisiológico”, observarei que com esta teoria conseguir-se-ia conciliar as afirmações dos físicos com a tese espiritualista. Reconhecer-se-ia, de um lado, que a dupla função de tradução e transmissão do órgão cerebral se realiza as expensas da energia acumulada nas células nervosas, como sustentam e demonstram os físicos e, de outro lado, não se pode discutir que esta condição de fato parece absolutamente conciliável com a existência de um Espírito independente do instrumento que o mesmo utiliza para entrar em relação com o meio terrestre. Portanto, a melhor definição do “paralelismo psicofísico” seria a formulada por Pedro Siciliani, segundo a qual se afirma a correlação incontestável, por uma lei de equivalência, das atividades opostas: a morfológica e a psíquica, mas reconhecer-se-ia com o tempo que esta correlação deve ser interpretada no sentido de uma “correspondência paralela” e não uma “conversão absoluta”.

Tal é, em resumo, a teoria que nós sustentamos. Falta apenas demonstrar que a análise comparada dos fatos a confirmam. Mas esta é uma tarefa de tão grande importância que seria preciso todo um livro para desenvolvê-la. Limitar-me-ei, pois, a tocar brevemente nos velhos e formidáveis obstáculos que se tem colocado sempre à doutrina materialista, reservando-me para falar mais amplamente de algumas outras dificuldades que são levantadas de algum tempo para cá e muito mais graves que as antigas.

Recordarei que a existência mesma da “Consciência”, que constitui um mistério insuperável para qualquer escola científica ou filosófica, deveria obrigar aos que dominam o sentido filosófico a abster-se de pronunciar sobre ela julgamentos demasiadamente categóricos no sentido materialista. Esta prudente reserva é observada, infelizmente, por pouquíssimas pessoas e entre os partidários mais atrevidos da fórmula segundo a qual “o pensamento é uma função do cérebro” encontram-se nomes tão ilustres como os de Vogt, Buchner, Moleschott, Haeckel, Le Dantec, Sergi.

Com respeito às relações estritamente psicomorfológicas, os principais problemas insolúveis para os partidários da doutrina materialista são os seguintes: a permanência da personalidade, apesar da renovação perpétua das moléculas cerebrais; as desigualdades intelectuais consideráveis entre indivíduos nascidos dos mesmos pais; o caráter inato de certas faculdades; as diferenças radicais entre a herança física e a herança psíquica; a natureza fisiológica do sonho etc. Não me deterei a discutir todos estes problemas, não apenas por falta de espaço, mas também porque não bastam para demolir a referida doutrina, embora estas dificuldades sejam realmente embaraçosas para os defensores da doutrina materialista.

Para os partidários da fórmula segundo a qual “o pensamento é uma função do cérebro”, multiplicam-se os problemas a serem resolvidos à medida que as ciências físicas e psicológicas se desenvolvem, e isso sem sair do círculo estreito de investigações em que estão fixados os representantes da ciência oficial, círculo que se detém nos limites das manifestações normais e patológicas da “psique”, sem se ocupar do domínio muito mais

importante das faculdades supranormais e subscientes. De qualquer maneira, o tema é demasiado extenso para que se possa desenvolvê-los em um artigo; limitar-me-ei, pois, a tocar no mais recente destes problemas, que é por si mesmo suficiente para derrubar as bases da hipótese materialista. Refiro-me aos casos de indivíduos que prosseguem com sua consciência e inteligência intactos apesar de ter seu cérebro destruído por completo ou em parte. Concebe-se que estas extraordinárias exceções não invalidam a regra geral, ou seja, que não contradizem de modo algum a afirmação de que o cérebro é necessário ao Espírito em suas relações com o meio terrestre; mas também é certo que se torna essencial esclarecê-las imediatamente.

Observe que isto se consegue facilmente se admite o princípio da existência de uma alma independente do corpo, mas que não se alcança absolutamente se se acredita que o pensamento é uma função do cérebro. Vou demonstrá-lo nos comentários e casos a seguir.

Como se sabe, os casos a que acabamos de aludir têm se multiplicado nos últimos anos, sobretudo ao final da última guerra mundial (1). Foram observados na França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Bolívia, República Argentina. Tenho à minha frente quase todos eles e todos apresentam algum aspecto característico especial que os torna teoricamente importantes. Lamento ter de limitar-me a algumas citações.

(1) - O Autor se refere a 1ª Grande Guerra Mundial (1914-1919).

O doutor Geley transcreveu vários exemplos em sua obra *Inconsciente ao Consciente* e outros na *Revue Metapsychique* (1920, pág. 36-38 e 1922, pág. 21-22). Desta última revista extraio a seguinte passagem:

Há necessidade de se recordar o fracasso da teoria das localizações cerebrais, que tão belas promessas oferecia há um quarto de século?

É preciso citar os casos famosos e relativamente frequentes de lesões extensas dos centros nervosos, nas regiões consideradas essenciais, que não foram acompanhadas de nenhuma perturbação psíquica grave e de nenhuma restrição da personalidade?

Basta-me recordar o caso típico publicado pelo Dr. Guépin, em março de 1917:

Um jovem, Luis B., hoje jardineiro próximo de Paris, sofreu uma ablação de uma parte considerável de seu hemisfério cerebral esquerdo (substância cortical, substância branca, núcleos corticais) e, apesar disso, continuou intelectualmente normal, não obstante a privação de circunvoluções consideradas como base de funções essenciais.

Casos análogos, alguns dos quais se tornaram clássicos, foram publicados em todas as partes.

As feridas de guerra proporcionam novos e importantes exemplos. O Dr. Tourde, que possui estudo especial desses casos, não teme concluir com estas linhas:

Se a teoria das localizações se faz cada dia mais difícil de defender, não é menos certo que ela arrasta em sua queda a tese do paralelismo estrato. Se é ainda possível crer, embora desgraçadamente não se possa demonstrar, que a todo fenômeno psíquico corresponde uma modificação cerebral, já não se pode sustentar mais que toda modificação cerebral provoca um fenômeno psíquico e, em todo caso, não se tem o direito de pretender que a toda perda de substância encefálica corresponde a um déficit psicológico. Ao mesmo tempo, é preciso renunciar de uma vez por todas, como havia previsto o senhor Bergson, em 1897, à hipótese do cérebro conservador de imagens-lembranças e adotar outras ideias sobre a natureza de seu papel no processo do ato da memória. Longe de ser condição indispensável do pensamento, o cérebro não seria senão prolongação no espaço, o “acompanhamento motor”. Poderíamos considerá-lo, em relação com ele, como um órgão de “pantomima”.

Como se pode ver, o Dr. Tourde é levado pela análise dos fatos a uma conclusão absolutamente concordante com as teorias de Bergson, de James, do Dr. Geley e com a que sustentamos, teorias todas que estabelecem a independência do pensamento em sua

relação com o cérebro, embora ligeiramente diferentes entre si na interpretação das atribuições do cérebro com respeito ao Espírito. Assim, por exemplo, entre a teoria de Bergson aceita pelo Dr. Tourde e a que sustentamos, existe esta diferença: segundo Bergson, as funções do cérebro se limitariam a ser “um acompanhamento motor do pensamento”, o que levaria a reduzir o cérebro a “um órgão de pantomima”. Pelo contrário, parece-nos que os fatos nos autorizam a conceder mais importância funcional ao órgão do pensamento. De qualquer maneira, estas diferenças são teoricamente insignificantes diante da circunstância capital de nos acharmos de acordo para assinalar à consciência individual o lugar que lhe corresponde na Vida.

Não ignoramos que os partidários da fórmula de que “o pensamento é uma função do cérebro” têm tentado explicar os casos de que acabamos de ocupar supondo que, nessas circunstâncias, os lóbulos cerebrais que ficam intactos substituíram os que foram destruídos. Mas esta hipótese não é apenas gratuita; contradiz ela a doutrina das localizações e a do “paralelismo psicofisiológico” e mais, encontra um obstáculo insuperável na circunstância de que são exemplos conhecidos os casos em que o órgão cerebral foi encontrado em autópsias totalmente destruído por um tumor, enquanto o enfermo conservou até o último momento o uso de suas faculdades intelectuais.

Eis o primeiro exemplo.

O cavalheiro I e Clément de Saint-Marcq, ex-coronel do exército belga, cita o seguinte caso que lhe foi comunicado pelo médico que o observou:

Trata-se de um suboficial de guarnição em Amberes que há alguns anos se queixava de violentas dores de cabeça que, não obstante, permitiam-lhe cumprir com todos os deveres de seu cargo. Um dia morreu repentinamente e foi levado ao hospital para que fosse praticada a autópsia. Quando foi aberto seu crânio não se encontrou senão uma papa de pus; não existia ali uma célula sequer de matéria cerebral. E como esta transformação das células em pus, ou seja, sua destruição pela enfermidade, não aconteceu instantaneamente, pelo contrário, era o resultado da lenta evolução de um abscesso, podemos chegar à conclusão de que, durante um tempo bem longo este suboficial pode cumprir seu serviço não possuindo mais que resíduos do cérebro. O que é uma boa prova de que o pensamento não está tão intimamente ligado a este órgão como parecem dizer os defensores da tese materialista. (*Revue Scientifique ET Morales du Spiritisme*, 1907, pág. 275-276).

Eis outro exemplo análogo ao anterior, observado pelo Dr. R. Robinson e exposto pelo professor Edmundo Perrier na Academia de Ciências, de Paris:

Trata-se de um indivíduo de 62 anos que, em consequência de uma ligeira ferida na região occipital, apresentou algumas perturbações visuais que chamaram a atenção; sem dúvida, não se produziu nenhum sintoma alarmante, nem paralisia nem convulsões. Os demais sentidos permaneceram em estado normal.

Ao fim de um ano, o enfermo faleceu bruscamente de um ataque de epileptiforme. Durante a autópsia, o Dr. Robinson comprovou que o cérebro deste humano tinha a forma de uma casca bem delgada que, ao ser cortada, deixou vazar uma enorme quantidade de pus.

Como é possível que uma destruição tão completa do órgão cerebral não haja produzido nenhum sintoma grave e característico? O que faz, ante um fato dessa índole, a doutrina das “localizações”, que atribui às distintas regiões ou zonas do cérebro funções bem determinadas? O Dr. Robinson, apoiando-se neste caso singular e nos sábios estudos dos doutores Van Gehuchten e Pedro Marie, chega à conclusão de que esta teoria deve ser revisada. (*Annales des Sciences Psychiques*, 1914, pág. 29.)

A propósito deste último caso, o biólogo professor Ugolini, de Florência, anota, irônico: “Cá entre nós: não se poderia dizer que esse humano sem cérebro gozava de uma saúde

extremamente boa e da plenitude de suas faculdades, se sofria perturbações visuais e epilepsia, e se um ano depois de se haver produzido a ferida, morreu miseravelmente” (Anuario Científico, 1913, pág. 241). Fácil responder que os comentários do senhor Ugolini não se referem, absolutamente, à questão das relações entre o pensamento e o cérebro, já que jamais se pretendeu que um humano que sofre de um tumor que invade pouco a pouco todo o órgão cerebral possa gozar de uma saúde excelente. Eu acrescentaria: ainda que esta pessoa, em lugar de ter prosseguido apta ao trabalho, houvesse caído prostrada na cama, gravemente enferma, em nada se modificaria a significação teórica do caso em questão, do ponto de vista que nos interessa, que se refere unicamente ao fato da conservação da inteligência apesar da destruição do cérebro, e não da conservação da saúde apesar do tumor cerebral.

Esta última pretensão seria absurda e não tem nada a ver com o assunto que discutimos. Fica, pois, demonstrado que, em circunstâncias excepcionais, a inteligência pode permanecer intacta apesar da destruição do cérebro. A hipótese gratuita formulada pelos fisiólogos, segundo a qual os lóbulos cerebrais sobreviventes substituem os destruídos se destrói, assim, inexoravelmente. Por conseguinte, os casos deste tipo não são literalmente explicáveis por nenhuma hipótese fisiológica e arrastam para o imenso nada das teorias errôneas aquela que afirma que “o pensamento é uma função do cérebro”. Por necessidade nos vemos obrigados a substituí-la pela teoria oposta, segundo a qual o órgão cerebral está invadido e dirigido em suas funções por algo qualitativamente distinto, onde reside a Consciência Individual. Em outros termos, tudo concorre para demonstrar a existência de um “cérebro etéreo” imanente no cérebro físico e, assim, a existência de um “corpo etéreo” imanente ao corpo somático. O mesmo que afirmou o apóstolo Paulo, numa máxima digna do escultor há quase vinte séculos; o mesmo também que em nossos dias afirmava a personalidade medianímica de Georges Pelham, por intermédio da médium senhora Piper, em uma conversação famosa que manteve com o doutor Hodgson. Entre outras coisas, a mencionada personalidade respondeu a uma pergunta de Hodgson com esta interessante advertência: “Eu não acreditava na sobrevivência. Era algo que excedia ao meu entendimento. Hoje me pergunto como pude duvidar. Temos um fac-símile etéreo de nosso corpo físico, fac-símile, que subsiste depois da dissolução do nosso corpo físico”.

Depois do que acaba de expor, é quase supérfluo acrescentar que, uma vez admitida a existência de um “cérebro etéreo”, base da Consciência Individual, conclui-se que o enigma dos “humanos que pensam sem cérebro” é fácil de explicar. De fato, pode-se logicamente pressupor que, em certas circunstâncias de “sintonização” especial entre o cérebro e o Espírito, este pode prescindir parcial ou completamente de seu órgão de relação terrestre. Dito de outra forma: em situações semelhantes, é claro que a única circunstância de fato absolutamente necessária para explicar o mistério de que tratamos é a de reconhecer a existência de uma Consciência Individual independente do órgão cerebral.

Uma vez que estamos de acordo com este ponto, torna-se compreensível que se encontrem casos excepcionais semelhantes aos que citamos. A tarefa de investigar as causas não tem, pois, senão um valor secundário, do ponto de vista teórico, e pode inclusive fornecer uma solução pelos métodos experimentais.

Observarei, de qualquer forma, que reconhecendo a existência de um “corpo etéreo” no humano (existência que contribui para provar os fenômenos de “bilocação” no sonho e de “desdobramento fluídico” no leito de morte), não somente se conseguiria resolver o problema que estamos analisando, como também todos os enigmas inexplicáveis para a fisiologia universitária, desde a misteriosa existência na subconsciência humana de uma “memória integral” perfeita e ao mesmo tempo inútil, até a existência subconsciente de

um “Eu integral” muito superior ao “Eu consciente”, servido por faculdades de maravilhosos sentidos espirituais, capazes de investigar o presente, o passado e o futuro, sem limite algum de tempo ou espaço.

Sem dúvida alguma, estes formidáveis enigmas da subconsciência, absolutamente inexplicáveis por qualquer hipótese naturalista, mas perfeitamente explicáveis pela hipótese espiritualista, acabarão por provocar um dia a definitiva queda do materialismo científico. Esse dia não está distante, embora não seja difícil prever que deverá desaparecer a atual geração inteira, antes de obter-se a aprovação unânime dos pensadores sobre este ponto. Existe uma lei psicológica inexorável, que impede aos Espíritos que exercitaram por muito tempo uma concepção especial da Vida, assimilar ideias que contrastem de um modo absoluto com ela. Em consequência, todo movimento intelectual de ordem religiosa, social, moral ou científico demasiadamente radical inovador, sempre foi acolhido com aberta hostilidade por todas as classes sociais e, sobretudo, pelas mais elevadas e cultas.

Voltando à questão da impossibilidade em que se encontra a psicologia materialista para explicar a existência subconsciente de faculdades supranormais, quero anotar que o doutor Geley não se cansa de proclamá-la, com a esperança de provocar sobre o tema uma discussão completa e instrutiva. Mas, sempre em vão. Na Revue Métapsychique de janeiro-fevereiro 1922, pág. 23 e 24, volta ao assunto, dizendo:

Não existe paralelismo psicoanatômico, posto que as ações dinâmicas, sensoriais e psíquicas podem ser comprovadas inclusive fora do organismo, por uma verdadeira exteriorização.

Não existe paralelismo psicofísico, posto que o “transe”, durante o qual o subconsciente supranormal se manifesta em todo seu poder, é uma espécie de aniquilamento da atividade dos centros nervosos (!) que chega às vezes até o coma!

Onde achar rastros de paralelismo na visão à distância, através de obstáculos materiais e fora do alcance dos sentidos?

E na telepatia, independentemente de todas as contingências que regem as percepções sensoriais? E na lucidez?...

Os fatos subconscientes são igualmente contrários à velha noção clássica segundo a qual não existe outra memória que a cerebral. A memória cerebral é, como se sabe, limitada, infiel, caduca. Não encerra mais que uma ínfima parte das impressões-lembranças do Ser. A maior parte destas lembranças parece perdida. Mas, nos estados subconscientes vê-se surgir outra memória diferente, infinitamente extensa, fiel e profunda. Damo-nos conta, então, de que tudo quanto foi impresso no campo psíquico persiste completa e indestrutivelmente na memória subconsciente... Os exemplos desta prodigiosa criptomnésia são inumeráveis e provam que acima da memória cerebral, estreitamente unida às vibrações das células cerebrais, existe uma memória subconsciente, independente de todas as contingências cerebrais.

De sorte que a memória, assim como a consciência, é dupla.

Existe uma consciência e uma memória estreitamente associadas ao funcionamento dos centros nervosos, que somente constituem uma pequena parte da individualidade pensante. Mas existe uma consciência e uma memória independentes do cérebro e a maior parte da individualidade pensante, que não está circunscrita aos limites do organismo e que, conseguinte, pode preexistir e sobreviver a ele. A morte, em lugar de ser o fim da individualidade pensante, não faz mais que libertá-la da limitação cerebral e determinar sua expansão.

Todas estas induções - não será demasiado repetir - não são postulados metafísicos. Estão baseadas em fatos exatos.

A argumentação em que se apoiam é estritamente racional e não se observou nenhuma refutação do mesmo.

O doutor Geley fez bem em terminar lembrando que nunca foram refutados os argumentos que demonstram a existência no humano de uma consciência e uma memória independentes do cérebro. Assim, fica demonstrado o erro da teoria do paralelismo psicofísico estrito. E se insisto em recordá-lo é porque parece incontestável que os adversários evitam sempre penetrar na essência íntima do debate, limitando-se a repetir por sua conta os argumentos habituais fundados no paralelismo entre os fenômenos do pensamento e a atividade morfológica do cérebro, esquecendo que esses argumentos perderam todo seu valor em consequência de novas circunstâncias de fato, de ordem psicológico experimental, que são colocadas pelos defensores da independência do pensamento em relação ao cérebro.

Facilmente se compreende a razão pela qual os opositores evitam sempre discutir diretamente os argumentos que se lhes colocam: é que não podem refutá-los. Mas sua impotência não lhes impede de permanecer sinceramente inarredáveis em suas convicções materialistas, como se não conseguissem se convencer sobre a flagrante contradição lógica que existe em uma situação semelhante. Por causa disto, assistimos à repetição perpétua de raciocínios invalidados. Podemos ajuntar que sua atitude não deve ser atribuída a uma “parti pris”, mas unicamente ao embaraço em que se encontram frente a uma situação bastante curiosa: a de sentir-se ao mesmo tempo impotentes para refutar os argumentos dos adversários e firmemente seguros de sua fé materialista.

Como já fizemos notar, esta atitude contraditória obedece a uma lei psicológica que, embora desalentados do ponto de vista da razão humana, é normal e necessária à evolução ordenada das ideias, por causa da influência moderadora e benfeitora que exerce sobre a difusão excessivamente rápida de qualquer movimento social inovador. É o estado de espírito a que se denomina, na terminologia psicológica, “misonéismo”. Nestas condições, seria inútil querer convencer aos que não podem compreender. Cabe unicamente prosseguir com serenidade o caminho que se abre a todos nós.

Finalizo, pois, chamando a atenção dos leitores sobre o fato de que os casos de indivíduos que conservam sua inteligência apesar da destruição parcial ou total do cérebro, contemplados conjuntamente com as circunstâncias notabilíssimas da existência na subconsciência humana de uma “memória integral” perfeita e de uma consciência individual superior, dotada de faculdades de sentido espiritual, conduzem logicamente a reconhecer a existência no humano de um Espírito independente do organismo corporal, provido de um organismo espiritual ou “corpo etéreo”, base da memória integral e das faculdades sensoriais supranormais.

Por outro lado, demonstramos que as conclusões que alcançamos, parecem perfeitamente conciliáveis com a teoria do “paralelismo psicofísico”, sobre o qual insistem justamente nossos opositores. E afirmo “justamente”, porque não pode haver dúvida alguma a respeito da verdade intrínseca dos fatos observados pelos fisiólogos. Mas estes fatos, se examinados à luz das modernas investigações sonambúlicas e metapsíquicas, mudam radicalmente de significação. Faz-se, pois, necessário limitar o alcance teórico que abusivamente lhes assinalam, reconhecendo que, longe de demonstrar que o pensamento é uma função do cérebro, provam somente a existência de uma correlação, pela lei de equivalências, entre as atividades morfológicas e psíquicas, opostas entre si; correlação que poderia ser presumida ‘a priori’ de tal modo parece natural e indispensável para bem compreender a função real e grandiosa confiada ao órgão do pensamento, função que é dupla: por um lado, a de registrar as vibrações físicas que chegam através dos sentidos, a fim de transformá-las de imediato em vibrações psíquicas perceptíveis para o Espírito, e por outro lado, a de registrar as

“imagens psíquicas” com as quais o Espírito responde as vibrações específicas que chegam do meio terrestre, traduzindo-as e transmitindo-as à periferia em forma de ações apropriadas. Pois bem, é evidente que tudo isto não pode se realizar sem uma dispersão de energia nervosa em perfeita equivalência com a natureza e intensidade das atividades psíquicas em função.

Os físicos têm, pois, razão, deste ponto de vista limitado.

Ao contrário, o acabamos de dizer demonstra que fisiólogos estão equivocados quando impregnam a legitimidade da hipótese Espírita, apesar da convergência imponentemente de todas as provas em seu favor, e que a combatam em nome do eterno, sem dúvida efêmeros obstáculos do paralelismo que existe entre as funções morfológicas e psíquicas do cérebro. Como se a existência de um instrumento que ao ser acionado consome energia, não fosse compatível com a do obreiro que o faz funcionar. Ao contrário! Os dois termos de maior problema de ser se conciliam admiravelmente entre si, são inclusive indispensáveis para resolvê-lo.

Os Espíritas proclamam, pois, solenemente, que a teoria do “paralelismo psicofísico” é legítima, incontestável, inquebrantavelmente verdadeira, e que é preciso unicamente modificar sua interpretação para fazê-la compatível com a nova psicologia supranormal que foi revelada pelas investigações sonambúlicas e metapsíquicas.

(Anotações:

Interessante essas colocações doutrinárias entre cientistas de diferentes concepções da vida terrena. É impossível ao materialista aceitar o transcendente e muito menos entendê-lo. Aos irmãos espiritualistas que propugnam uma só existência para o Espírito, no mundo físico, é impossível aceitarem a reencarnação e muito menos quererem entendê-la. Não devemos nem tentar argumentar a doutrina que defendemos com aqueles que defendem outra doutrina de conceitos diferentes. O cérebro material tem suas ‘localizações’ e, estas, seriam os canais utilizados para o Espírito se manifestar, mas são duas escolas diferentes e que não devem discutir; seria o ‘sexo’ dos anjos! Afirmar que a ‘sede’ da memória espiritual está no perispírito é, apenas, uma opinião, pois se trocamos de perispírito; onde fica a nossa memória? Tudo isto, das doutrinas e opiniões, representa o momento evolutivo individual da cada Espírito, aguardemos o futuro, sem discussões!...

SEGUNDA MONOGRAFIA

O OBJETO DA VIDA

Tudo contribui para demonstrar que o objeto fundamental da existência da vida nos mundos diversos é a “individualização das almas”, por intermédio de sua passagem na escala ascensional de todos os seres vivos até o humano.

Acontecia em minha juventude de, quando lia e estudava as obras de Herbert Spencer, deter-me em certos capítulos preso de um sentimento de profunda admiração, misturada, não obstante, de certa perturbação ante a grandiosidade apocalíptica do tema. Refiro-me aos capítulos em que o autor contempla a evolução dos mundos e da vida, a extinção desta e a desagregação daqueles ao chocarem-se, entrando em conflito pelo espaço infinito, para transformarem-se em seguida, em nebulosas por consequência da espantosa colisão. E as nebulosas por sua vez nesta colossal revolução, estavam destinadas a abrir um novo ciclo de integração evolutiva, análogo aos inumeráveis ciclos que já se haviam encerrado.

Era eu então um positivista convencido; lembro-me do sentimento de profundo vazio que estas leituras despertavam em minha alma. Para que – perguntava-me essa perpetua sucessão de processos de evolução sem finalidades? Como podemos supor que a evolução da espécie tem o seu melhoramento progressivo, o aperfeiçoamento ilimitado das faculdades sensoriais, o florescimento sublime da intelectualidade, cada vez mais capaz de compreender o mistério do ser, se, em última análise, tudo acabará perdido com o aniquilamento final do universo, sem deixar o menor vestígio? Somente a esta atroz ironia se reduzem, pois, os altos ideais altruístas de que se vangloria o positivismo científico que, depois de ter concluído o aniquilamento da personalidade individual, elogia e preconiza a moral do sacrifício, indispensável ao aperfeiçoamento ulterior da espécie? Mas se a espécie tem que desaparecer algum dia do universo inteiro, em benefício de quais outros idealismos desconhecidos deve sacrificar-se o indivíduo?

Um ideal desta natureza me parecia fictício e inexistente: era um escárnio impossível, dizia-me, que o Espírito humano possa contentar-se com concepções filosóficas tão absurdas que não podem ser verdade. E não obstante, a cosmogonia de Herbert Spencer se impunha à razão: era a Verdade. E um vazio desolador descia sobre meu coração e minha inteligência, porque a inteligência não é unicamente razão, mas também intuição. Sem dúvida, ainda hoje, mesmo a uma distância de quarenta anos e apesar de minha maneira de pensar ter mudado radicalmente, o grandioso sistema filosófico de Herbert Spencer se acha presente em meu Espírito em suas grandes linhas, como inquebrantavelmente verdadeiro do ponto de vista da razão; ao mesmo tempo, o sentimento de vazio e desilusão que me ficava na alma quando meditava nele, terminou por desaparecer. Agora, muito melhor que antes, sinto que possuo uma síntese verdadeiramente nítida e compreensível do sistema spenceriano, compreendo e aprecio o saber supremo desse gênio que, desejando assentar os fundamentos de um vasto sistema de filosofia positiva excluindo toda especulação mais ou menos metafísica, soube, não obstante, fixar o lugar de honra para os problemas imanentes do ser, postulando, como base de seu sistema, a teoria do “Incognoscível”.

Pois bem, se substituirmos pela palavra “Deus” o que o eminente filósofo entende pela palavra “Incognoscível”, nada mudará em seu sistema filosófico. O agnosticismo de Herbert Spencer é o vestíbulo do Templo de Deus.

A substituição da palavra “Incognoscível” por “Deus” bastaria para assinalar uma finalidade ao universo, para assinalar um objetivo à sucessão de constituições e dissoluções de mundos, para assinalar um desígnio ao progresso humano e à elevação

da intelectualidade, dissipando como que por encanto a contradição existente entre os ensinamentos da filosofia de Herbert Spencer e as conclusões irracionais e absurdas que nos arrastariam suas doutrinas sem a interpretação teísta do Incognoscível.

Eugênio Nus o destacou em uma página de vigorosa prosa, dizendo:

Se a outra hipótese é verdadeira; se a absoluta indiferença se encontra no fundo da natureza, matriz inconsciente da vida submetida a forças fatais ou colocada aos caprichos do azar; se nenhuma inteligência, nem plano, nada que se pareça a uma ideia rege o mundo moral e o mundo físico; se não existe lei do destino senão fatos que se encadeiam ou, melhor ainda, encadeiam e seguem-se, impelidos por um movimento sem finalidade alguma; se de um lado ao outro desta escala de destruição, o indivíduo se sacrifica pela espécie sem remédio, sem piedade, ficando confusamente misturados os sofrimentos físicos, morais e intelectuais ao fim do caminho, no negro e insondável caminho onde tudo acaba por desaparecer, humanos e animais, raças e espécies, planetas, cometas e sóis; se é apenas isto o círculo infernal da vida, toda a vida, oh! então é o mal, o mal horrível, indiscutível, imenso, sem fim, sem limites, sem trégua. A única explicação que se pode conceber de semelhante monstruosidade infinita é que ela é a realização do absurdo e do infame, acima, abaixo, aqui e em todas as partes. Trata-se de admitir ou não essa tontice quintessenciada, como princípio e fim da existência universal. Desesperança ou confiança, pessimismo ou otimismo, disso se há de partir (Eugenio Nus Recherche Del Destinées, 256).

Eugênio Nus conclui observando que todo pensador dotado de sentido filosófico recusará sempre admitir a possibilidade teórica da existência de um universo sem finalidade.

Um naturalista inglês, o coronel Hardwick, chega à mesma conclusão escrevendo:

A tese espiritualista tem seus defeitos, mas possui uma força invencível: é verdadeira. Se alguma dúvida a esse respeito fosse possível, que se sugeriria? Qual seria a alternativa? Eis: a extinção. Em outras palavras: este maravilhoso universo, com seus milhões de mundos e sóis girando em perfeito equilíbrio teria sido organizado sem nenhuma finalidade e acabaria onde começou: no caos. O que faria com que a criação do Grande Todo girasse em colossal bancarrota. Esta grande evolução teria necessitado um tempo infinito, um trabalho sem limites para chegar ao coroamento supremo com o nascimento do humano e de imediato o humano se faz povo... e nada mais. A bolha de sabão estoura e - incrível! - nada continha. Não posso deixar de perguntar-me: um humano que possui equilíbrio mental pode crer em semelhante interpretação do universo? (Light, 1921, página 763.)

Certamente, não ignoro a objeção com que se responde aos pensamentos deste tipo, ou seja, que não são senão uma manifestação do sentimento e que a ciência não pode deter-se em considerações sentimentais, posto que não deve ocupar-se mais do que à busca da verdade pela verdade.

Responderei que essas reflexões, longe de provir somente do sentimento, constituem, pelo contrário, uma indicação imperativa e categórica da razão e da intuição. De fato, o Espírito humano - quando não está escravizado por falsas induções científicas - não poderia conceber uma evolução dos mundos, da vida dos mundos, da intelectualidade da vida, que não tivesse uma finalidade. Quem afirme o contrário poderá ser um naturalista eminente, mas sem nenhum sentido de disputa, carece de sentido filosófico e seria vão discutir com um humano que demonstrasse desta maneira haver perdido a razão intuitiva no abismo sem fundo dos prejuízos de escola.

Em todo caso, recordarei que as conclusões ‘a priori’ da razão intuitiva confirmam admiravelmente ‘a posteriori’ as manifestações metapsíquicas, tanto as “anímicas” como as “Espíritas”, graças as quais se obtém as provas de existências no humano de

uma personalidade integral subconsciente, dotada de faculdades de sentido espiritual (animismo) e as provas da supervivência da personalidade (Espiritismo).

Abordarei agora mais diretamente o tema deste artigo que pode se resumir na pergunta: qual é o objeto da vida?

Do ponto de vista filosófico, seria talvez atrevido formular esta pergunta, posto que as finalidades transcendentais da evolução espiritual do humano seriam sempre impenetráveis.

Minha intenção é, sem dúvida, mais modesta. Proponho-me unicamente a investigar as finalidades prováveis da atual existência encarnada, como já o fizeram numerosos pensadores, sem contar com o que contêm sobre este assunto as revelações mediúnicas. Cumprirei, pois, com o dever de reproduzir algumas aludidas especulações sobre o mistério do ser e algumas das numerosas revelações mediúnicas concordantes, adicionando algumas considerações pessoais.

Em primeiro lugar, eis o pensamento da religião budista, segundo se lê em seus livros: Viver é pensar. Viver é estudar Deus, que é O Todo e esta em Tudo. Viver é conhecer, é Buscar, aprofundar, sob todas as formas sensíveis as inumeráveis manifestações da Potência Celestial. Viver é fazer-se útil a si mesmo e aos outros; é ser bom.

Esta definição constitui um resumo de sublime sabedoria, que ilumina as penumbras do Espírito humano.

Podem comparar-se-lhes algumas pequenas definições do mesmo gênero obtidas por via mediúnica como, por exemplo: “viver é compreender” (Cornellier) e “o objeto da vida é reduzir o mistério da vida” (American Journal of the S.P.R., 1916, página 706). Ambas são filosoficamente profundas; encerram uma grande parte da Verdade. Não obstante, não é essa a fórmula do problema que eu desejo examinar aqui, porque nas definições que acabo de transcrever contempla-se a realização do objeto da vida, enquanto que eu desejo falar de um princípio mais profundo, mais fundamental, mais positivo em relação à gênese da vida mesma. Portanto, deixarei de lado numerosos pensadores cujas definições giram em torno da afirmação de que “a vida é uma escola de aperfeiçoamento evolutivo do Espírito”, o que é tão verdadeiro que sua exatidão surge evidente a todo o mundo. Farei uma exceção com uma formosa página do doutor Geley, que estabelece uma distinção entre a finalidade realmente primordial da vida e a secundária, que muitas pessoas confundem com aquela. Eis aqui suas palavras:

Evoluir é, na verdade, tomar conhecimento do próprio estado real, do estado do mundo ambiente, das relações estabelecidas entre o ser vivo e seu meio, entre seu meio e o meio universal.

O desenvolvimento das artes e das ciências, o aperfeiçoamento dos meios empregados para subtrair-nos à dor ou satisfazer nossas necessidades não são, em si mesmos, finalidades da evolução. Não são senão a consequência da realização da finalidade essencial, que é a aquisição de uma consciência cada vez mais ampla e todo progresso em geral está condicionado pelo aumento prévio do campo da consciência.

Tudo isso não se nega, nem é possível negar e apenas se precisa de uma indução perfeitamente legítima para admitir, no auge da evolução, e na medida em que podemos concebê-la, a realização de uma consciência verdadeiramente divina, que comporte a solução de todos os problemas. (De l’Inconscient du Conscient, pág. 310)

Faz se apenas necessário anotar quão verdadeiro é o que afirma o Dr. Geley, quando diz que os inventos e os aperfeiçoamentos tecnológicos não representam o objeto da evolução, senão que são somente uma consequência da finalidade essencial da evolução mesma, que a aquisição de uma consciência de si, progressivamente mais ampla, observação que é necessário não esquecer e que nos remete ao nosso tema, porque se é certo que o objeto da vida é a aquisição de uma consciência individual, cada vez mais

ampla, devemos reconhecer, então a verdade do que afirmam numerosos pensadores, ou seja, que em última análise “o fim da vida é a individualização das almas”. Esta é a definição a que aludíamos mais atrás, ao expressar nossa intenção de examinar mais intimamente o mistério da vida para descobrir um princípio mais profundo, mais fundamental, mais original, que tivesse relação com a gênese mesma da vida.

Assim tudo contribui para demonstrar que objeto fundamental da existência da vida nos mundos diversos é a individualização das almas através de sua passagem pela escala ascensional de todos os seres vivos até o humano.

Daí, todos os seres vivos, desde a mônada até o humano são indispensáveis para realizar a individualização das almas e todas as individualidades humanas, inclusive as más, são, por sua vez, elementos necessários para permitir que a humanidade alcance seu grande fim. Esta ideia está magistralmente expressa em uma comunicação mediúmica aparecida no *American Journal of the S.P.K.* (1911, pág. 522). A médium era a senhora Edith Wright. Eis aqui a passagem a que nos referimos:

Toda existência ativamente vivida deixa uma marca imborrável no mundo. Hoje o mundo é diferente porque você viveu. A vida que parece mais insignificante é, com frequência, na realidade a que mais influi na evolução do mundo. E o recém-nascido que não teve tempo de aprender uma só palavra, que passou à outra vida deixando apenas uma terna recordação no coração de sua mãe, fez mais para reformar a história do mundo que tudo quanto possa conceber o mais profundo de nossos pensadores. Jamais viveu um só ser que não tenha deixado sua contribuição útil ao progresso do mundo. O malvado mesmo é um instrumento de Deus para o progresso de seu reino. Graças às faltas se adquirem experiência; a debilidade engendra a força; o bem nasce do mal; a miséria e a dor fazem germinar a alegria; a ignorância dá lugar à ciência.

O diretor de Light insiste também no fato de que à natureza não importam as imperfeições humanas, porque seu fim essencial é a individualização das almas, escrevendo:

Não há que olvidar que o verdadeiro fim para o qual existe no universo é a individualização do Espírito humano.

A natureza não pergunta: “És bom? És belo? Tens aspirações elevadas, ideais sublimes?”, questiona apenas: “És um humano? És consciente de si mesmo? És capaz de amar, odiar, aprender, progredir? Se assim é, todas as aquisições são exequíveis para ele...” (Light, 1923 pág. 360.)

Uma notável circunstância é que o célebre poeta inglês John Keats havia formulado há um século uma concepção análoga da vida. Em suas Cartas, publicadas recentemente por Sidney Colvin (Mac Millan), acha-se a seguinte passagem:

Se vos apraz, denominai o mundo de “Vale onde se fabricam almas” e compreenderéis então qual é a finalidade do mundo. Eu digo: “Fábricas de Almas”, com intenção de estabelecer uma distinção entre Alma e a Inteligência - chama do divino - em milhões de seres... mas não serão almas desde que não hajam adquirido identidade, desde que não se convertam em personalidades... E como se pode criar as Almas? Como essas “chispas divinas” poderão adquirir uma identidade individual... de modo que possuam um selo pessoal e especial para cada indivíduo? Fica evidente que só poderia ser conseguido por meio de um mundo como o nosso... Há um sistema para criação de Espíritos. Não vedes, por acaso, a necessidade de um mundo de tribulações e dores para que uma Inteligência se transforme em alma?

Belas palavras nas quais se acha disseminada uma grande verdade, que vem em apoio do ditado: “a instituição dos poetas anda à frente do tempo”.

David Gow, analisando uma conferência científica na qual o autor supunha a existência de uma Inteligência consciente que se manifestaria por mediação da matéria, assim se expressa:

Rapidamente se supera o antigo juízo segundo o qual a inteligência não pode se manifestar senão por intermédio de um órgão cerebral. O universo inteiro é não somente a expressão da vida, mas também da inteligência. No humano esta inteligência é consciente de si mesma e o meio de alcançar este resultado é precisamente o nascimento do Espírito no mundo da matéria, enquanto que a ideia de que o mundo é uma escola de educação e de prova para adquirir experiência não representa senão uma verdade secundária, embora importante. O grande fim da Natureza ao criar o mundo físico, tal como disse muito bem recentemente um escritor é o de “fabricar almas”. Sua educação poderá se verificar em nosso mundo ou em outra parte, porque os recursos da natureza para isso são infinitos, uma vez que o fim principal (ou seja, a individualização das Almas) foi conseguido. (Light, 1918, pág. 253.)

Na passagem que acabamos de transcrever, foi mantido o cuidado de destacar que o fim principal com que a Natureza tem espargido a vida por aqui é o de “fabricar almas” não prover sua educação através de um número adequado de experiências. Este último fim existe, sem nenhuma dúvida, e longe está de carecer de importância, mas é sempre secundário, posto que a educação e a elevação das Almas pode se realizar tanto na existência encarnada quanto na desencarnada, enquanto que a individualização das almas não pode efetuar-se senão por meio de sua passagem pelo mundo da matéria. “Fabricar Almas”, essa é a verdadeira e grande finalidade da existência dos mundos e das vidas.

Relembrei que, neste ponto, um grande número de pensadores independentes tem estado de acordo, assim como videntes antigos e modernos, além de personalidades de mortos que se comunicam mediunicamente, o que marca uma convergência de opiniões muito significativa.

Assim, por exemplo, o célebre vidente norte-americano Andrew Jackson Davis, à pergunta: “Qual é o fim principal da existência terrestre?” responde: “A individualização do Espírito, a fim de prepará-lo para a existência espiritual”. (The Harbringer of Health, pág. 3).

As revelações de Swedenborg, bem como as mais recentes do Rev. Valle Owen fazem também referência ao mesmo assunto e Arthur Wood, comparando todos estes dados conclui nestes termos:

A concordância dos ensinamentos a este respeito aparece de maneira notabilíssima, tanto mais quanto que procedem de fontes distintas. São ensinamentos que abrem um vasto campo de especulações muito importantes, já que esta orientação do pensamento permite perceber um resplendor da Verdade acerca da razão da existência de um universo material, a saber, que não somente é uma condição necessária para a existência do humano, mas também e, sobretudo, constitui um fator essencial para a existência individualizada no mundo espiritual. Em outras palavras: o universo material é instrumento necessário para criar a superestrutura de todo “finito”, tanto encarnado quanto desencarnado; sem ele não poderíamos ter entidades humanas conscientes individualizadas... (Light, 1921, pág. 518.)

O professor Willian Barret compartilha este modo de encarar a finalidade da vida, escrevendo:

Haveria de chegar à conclusão de que o fim da vida é, de um lado, a edificação, a consolidação e a perpetuação de nossa personalidade separada e distinta, e por outro lado o despertar e desenvolver, em cada uma destas consciências individualizadas, uma Unidade interior, que enlaça todas as personalidades separadas a uma Personalidade

Sintética mais ampla, na qual todos “vivemos, movemos e existimos”. Em outras palavras: ter consciência do fato de que formamos uma parte integrante e somos todos membros de um Organismo Único... (On the threshold of Unseen pág. 251.) (1)

1 – Não se deve confundir esta teoria com a do panteísmo, segundo a qual as almas evoluem até um ponto em que se integram no Todo Universal, pendendo a sua individualidade. O Panteísmo não é aceito pelo Espiritismo.

Tenho comigo outras dezessete passagens de obras de pensadores que chegaram por caminhos distintos às mesmas conclusões. Mas, são tão semelhantes às que já citei que não poderia reproduzi-las sem cair na monotonia. Limito-me, pois, a transcrever uma outra na qual o tema está mais desenvolvido que de costume e que pode servir, por conseguinte, de síntese do que expus até aqui.

O Sr. W. H. Evans trata em um artigo profundo (Light, 1923, pág. 137) o tema da evolução e da sobrevivência do Espírito humano, chegando às mesmas conclusões que outros escritores já citados. Entre outras coisas, disse:

O princípio espiritual do humano se desenvolve e se individualiza eternamente por meio de inumeráveis sóis e planetas e graças a regular evolução progressiva dos minerais, vegetais e animais que se acham representados e resumidos na energia, força, simetria, beleza do corpo humano, de seus órgãos, de suas funções... O grandioso mecanismo do universo é, pois, um instrumento destinado a alcançar seu total cumprimento, essa gloriosa finalidade suprema; gloriosa e grande, porque graças a ela a estrutura e a imortalidade do Espírito humano estarão fixadas de modo imutável. Os milhões de sóis e de planetas que povoam o espaço infinito são, pois, os agentes subordinados e secundários aos quais a Natureza confere a tarefa sublime de produzir e eternizar o Espírito humano... e cada reino da natureza é um vasto laboratório no qual estão os diversos elementos necessários ao desenvolvimento evolutivo, até quando um núcleo da vida é colocado em condições de, adquirir a consciência de si mesmo. Assim como os reinos naturais são laboratórios encarregados de cumprir esse grande fim, igualmente cada parte do organismo humano é um laboratório no qual o “corpo espiritual” se constitui e se aperfeiçoa... O organismo humano cumpre a tarefa de conceder a individualidade aos elementos espirituais... o que faz com que, sem o processo da evolução terrestre não haveriam almas individualizadas...

Parece-me que o que acabamos de expor responde de maneira filosoficamente adequada à grande pergunta: Qual é o objeto da vida? Fica por responder, do ponto de vista psicofísico, esta outra pergunta, secundária, mas importante, do por quê do cérebro. Ou seja, por que a Inteligência, chispa divina, necessita, para individualizar-se, de um instrumento carnal e perecível? Para resolver este problema é preciso perceber que se se pode admitir que uma alma individualizada contém uma chispa de Inteligência divina, não é menos certo que essa chispa divina não consegue individualizar-se senão passando do reino do “Absoluto” ao do “Relativo”, do domínio do “Númeno” ao do “Fenômeno”. Do que resulta que para por-se em relação com as manifestações do universo fenomenal, a “chispa divina individualizada” necessita de um órgão transformador apropriado: o cérebro. Em outras palavras, a verdadeira função do cérebro com relação ao Espírito consistiria em colocá-lo em condições de perceber, em ciclos alternados de vidas sucessivas, frações infinitesimais da Realidade Incognoscível, de conformidade com um sistema de aparências “fenomenais”, que se manifestam com modalidades sempre diferentes em cada mundo habitado do universo inteiro: aparências fenomenais no meio das quais o Espírito está destinado a existir e a exercitar-se com vistas à sua elevação ulterior no conhecimento da Realidade Absoluta considerada através das modalidades infinitas nas quais se transformam ao manifestar-se no Relativo.

Assim se compreende a necessidade que tem o Espírito de possuir um cérebro que representa o papel de órgão transformador da Realidade Absoluta em formas de

manifestações Relativas e Fenomenais: função de infinita grandeza a que são destinados os enumeráveis mundos que povoam o universo.

(Anotações:

Mesmo entre os pensadores dedicados ao Espiritismo nós podemos encontrar irmãos, talvez nós mesmos, que continuam apresentando resquícios místicos... Em O Livro dos Espíritos nos comunicam que, o Espírito independeria do mundo material para evoluir, se este não existisse. Não podemos confundir os valores da espiritualidade com os da materialidade! A definição de ‘palavras’ é de fundamental importância para o correto entendimento de qualquer assunto, portanto, devemos cuidar das palavras ‘alma’, ‘centelha divina’, ‘princípio inteligente’ e outros mais para não criarmos confusões aos estudantes dos valores espirituais e do Espírito. A ‘Natureza’ nunca pode ser confundida com o ‘Criador’! Existe o Criador e Sua lei, a Lei do Criador que rege toda a obra divina, expressando Seu pensamento eterno! Temos o dever de entender o que é mal e bem, um é o erro e o outro o acerto, nada mais do que isto! O que faria uma ‘inteligência individualizada’ em um mineral, em um vegetal ou em um animal irracional? No máximo teria ‘sensações’!

TERCEIRA MONOGRAFIA

EM DEFESA DA ALMA

O Espírito humano contribui para construir a Grande Síntese Divina, conservando intacta sua própria individualidade psíquica, do mesmo modo que milhares e milhares de células que, constituído o organismo humano contribuem para criá-lo, guardando integralmente sua individualidade própria.

Na serena e interessante discussão pró ou contra a sobrevivência da alma, que foi desenvolvida pelo professor Charles Richet e o professor Oliver Lodge (Proceedings of the S.P.K., 1924), o primeiro deles conclui assim sua argumentação em sentido contrário:

O antropomorfismo dos Espíritas é de análoga natureza.

A verdade que existe sobre o véu misterioso que no-la oculta deve ser muito mais nobre que a velha ideia do que faria consistir na prolongação bem além do túmulo, de nossa miserável intelectualidade. (1)

1 – Advirto que o sublinhado é do professor Richet.

Em outro artigo polêmico que apareceu no Journal of the American S.P.R. (1923, pág. 472) Richet observa também:

É uma coisa bastante miserável prolongar para além do túmulo a pobre existência intelectual que nos anima durante a vida; sequer é atrativo.

Por sua parte, o Dr. H. Jaworshi, em Psychica, observa sobre o mesmo tema:

O grande erro da estreita hipótese Espírita é querer prolongar no Além a ilusão de nossa individualidade, de nosso pequeno eu que, embora necessário para ação, é em si mesmo um peso e uma limitação... (1921, pág. 146). O eu é uma prisão, um peso, uma inferioridade tal que sua prolongação no Além não pode ser senão uma queda total.

Em minha opinião, não somente os Espíritos não existem, senão que podem existir, porque isso seria querer admitir a persistência de uma sensação ilusória como a da imobilidade da Terra.

Passemos agora ao Dr. William Mackenzie, que na revista Luce e Ombra (1924, pág. 345) assim se expressa:

Mas, para um grande número de “metapsiquistas”, é justamente esta ciência do supranormal o que constitui a “ciência espiritualista” por excelência. Toca grosseira de ideias que materializa e rebaixa ao “Espírito” até fazer dele “os Espíritos” e se imagina falar nessas pobres larvas a “razão da vida” e das coisas! Eu me oponho sempre a esta troca ilegítima, mas, tal como já provei, de nada serve opor-se aos impulsos afetivos profundos do Espírito humano. O “eu” tão importante dos “metapsiquistas” em questão não pode admitir que um edifício cósmico grandioso, ou seja, físico-psíquico-espiritual, possa subsistir sem que justamente este minúsculo (perdão: este importante) “Eu” tenha que sobreviver eternamente – somente ele entre todas as partes caducas do eterno universo! – ou talvez, todavia ligado ao seu fiel corpinho “astral”. E por isso, só por isso, deteria a verdadeira “razão” da vida!

Nesta profissão de fé do Dr. Mackenzie nota-se uma mescla regularmente retorcida e enigmática de materialismo-espiritualismo-panteísmo, o que faz com que não se possa dizer com certeza no que é que acredita realmente o autor.

Em todo caso, condena claramente a existência e a sobrevivência da alma, do mesmo modo que impugnam o professor Richet e Dr. Jaworski, aos quais se une, por outro lado, para denegrir nossa intelectualidade humana, que eles consideram, os três, miserável a um grau tal que não poderia deixar de julgar impossível e absurda sua sobrevivência à morte do corpo.

Pois bem, não seria inútil recordar que um grande número de individualidades humanas tem sabido elevar-se as mais sublimes alturas do pensamento. Bastar-me-á citar Sócrates, Platão, Pitágoras, Spinoza, Kant, Hegel, Herbert Spencer, nos domínios da filosofia; Dante, Shakespeare, Goethe, Victor Hugo, nas obras literárias; Michelangelo, Rafael, Rubens, nas artes representativas: Wagner, Beethoven, Chopin, Rossini, Verdi, Gounod, na arte musical; Galileu, Newton na ciência, na ciência; Bruto Menor, Jorge Washington, Mazzini, entre os grandes caracteres; um Francisco de Assis, um Vicente de Paulo, na esfera do amor universal. Parece-me que ante tanta profundidade de pensamento, tal esplendor de gênio, tal grandeza moral é injusto, é absurdo, é quase um delito cobrir de vitupérios a individualidade pensante.

Em segundo lugar, os que denigrem a intelectualidade humana parecem esquecer que a evolução biológica da espécie se desenvolve de um modo paralelo à sua evolução psíquica, o que determina que ambas as formas de elevação simultânea do indivíduo através dos séculos nos levam necessariamente a prever a chegada de uma época na qual a espécie humana poderia ser considerada como literalmente divinizada em comparação com a humanidade embrionária atual. O mesmo professor Richet a reconheceu em um artigo magistral que publicou nos *Annales des Sciences Psychiques* (janeiro de 1905), onde escreveu:

Não é possível que a espécie humana venha a se extinguir dentro de cem mil anos; e então, o que será da inteligência humana? Quais serão seus recursos? Não podemos fazer uma ideia sequer aproximada. Sem dúvida, esse tempo chegará. E haverá humanos! Existirá ciência! E nossa ciência de hoje será tão inferior a essa ciência de então, como os conhecimentos de um chimpanzé são inferiores aos de um doutor em ciência. (Pág. 21)

Nestas condições, é natural que façamos notar o seguinte: posto que se reconhece o esplendido porvir que espera a humanidade pensante, porque não lhe conceder o tempo necessário para alcançar seu objetivo tão glorioso?

Por que maldizer em seu embrião o anjo do futuro? É razoável?

Isto, do ponto de vista da evolução psíquica no meio terrestre. Se se quiser aplicar a mesma lei evolutiva à sublimação espiritual da individualidade pensante desencarnada será necessário inferir que ela está destinada a alcançar os cumes supremos da perfeição divina. Eu repito, pois, aos nossos opositores: concedei ao Espírito humano tempo para evoluir; honrai em lugar de denegrir, a individualidade pensante humana, na qual se revelam em potência as faculdades de um arcanjo. Reconhecei, em suma, que vosso raciocínio, que pretende seja o Espírito humano indigno de sobreviver à morte do corpo porque não é um anjo, equivale ao raciocínio de quem negasse o direito à vida ao embrião, com o errôneo pretexto de que não é um humano.

Por outro lado, a grandeza e o valor do Espírito humano, nas suas relações com o universo podem ser demonstrados pelos métodos científicos de análise comparada. De fato, deve-se reconhecer que assim como o átomo, último elemento da matéria cósmica, constitui, apesar de sua pequenez infinita, a unidade fundamental com a qual foi criado o universo físico, assim também o Espírito humano individualizado, átomo da Consciência Cósmica, representa a unidade fundamental com que foi criado o universo espiritual. Pode-se argumentar que a ciência prova que, em última análise, dois únicos elementos existem no universo: força e matéria, que se pode reduzir, por sua vez, a esta fórmula mais profunda ainda: Espírito e Átomo.

O Espírito humano individualizado teria, pois, no campo do universo psíquico esse valor fundamental que o átomo representa no universo físico. O que é o mesmo afirmar que, se é verdade que o Espírito humano, igual ao átomo, parece infinitamente insignificante frente a grandeza incomensurável da Síntese Psíquica, que preenche por si

mesma o universo, ou seja, Deus, não é menos verdade que constitui o elemento fundamental da Síntese psíquica Infinita; tal como átomo constitui o elemento fundamental da Síntese Física Universal, que é seu complemento.

Assim sendo, deveremos afirmar que como o átomo físico contribui para criar o universo da matéria em todas as suas manifestações múltiplas, combinando-se apenas em agregado atômico quantitativamente distintos, sem deixar de conservar intacta sua individualidade, da mesma forma o átomo espiritual, ou seja, o Espírito humano contribui para constituir as inúmeras hierarquias compreendidas na Grande Síntese Psíquica Infinita, pelo simples fato de agregar-se a outras unidades espirituais que tenham afinidade com ele, sem deixar de conservar intacta sua individualidade psíquica. Se quiséssemos recorrer a uma comparação poderíamos dizer que o Espírito humano concorre para constituir a Grande Síntese Divina, conservando intacta sua própria individualidade psíquica, do mesmo modo que as milhares e milhares de células que constituem o organismo humano concorrem para criá-lo, guardando sempre integralmente sua individualidade própria. Já o disse em outro livro: tudo converge para demonstrar que o Microcosmo-Humano, síntese suprema polizóico-polipsíquica no domínio do Relativismo correspondente ao Macrocosmo-Deus, síntese transcendental polipsíquica e Una, eterna, incorruptível, infinita, no domínio do absoluto.

O professor Oliver Lodge sustenta o mesmo conceito filosófico, ilustrando também com uma analogia tomada do organismo humano, observando:

Como deveremos, então, conceber a Divindade? A este respeito, a analogia do corpo humano em suas relações com os glóbulos brancos do sangue é muito instrutiva. Cada um desses glóbulos é um ser vivo, provido dos poderes de locomoção e de assimilação e, sob certas condições que estão sendo estudadas atualmente, também de reprodução por divisão. Os glóbulos brancos cumprem funções importantíssima para nós, constituem uma parte essencial de nossa própria existência. Nossa saúde e o serviço de “segurança pública” do organismo dependem, sobretudo, de sua atividade como “fagócitos”.

Agora, suponhamos que um desses glóbulos brancos estivesse dotado de inteligência e perguntemo-nos que concepção formaria do universo. Sem dúvida que, em primeiro lugar, ver-se-ia inclinado a observar o meio em que se acha e meditar sobre as inumeráveis ramificações de canais onde passa sua vida e as aventuras que sucedem no curso de suas viagens. E se tivesse tendência filosófica, ver-se-ia levado a especular sobre a existência de um Ser misterioso do qual provavelmente forma parte ele mesmo, assim como toda a raça de seus semelhantes; sem dúvida alguma, uma espécie de divindade imanente, da qual eles constituiriam as unidades elementares, um Ser que compreende em si mesmo tudo quanto existe, ou melhor dito, tudo o que eles conseguem conceber, um Ser para cuja existência contribuíram e a cujos os fins serviram e compartilharam. O glóbulo branco pensante poderia chegar até aqui legitimamente em suas especulações e até aqui estaria a verdade. Mas se pretendesse ir mais longe, se com a audácia entrasse no campo das negações, sustentando que o aspecto imanente do universo onde vivem, movimentam-se e existem seus semelhantes é o único aspecto do universo e que fora de sua espécie de seres vivos não existem outras criaturas, outras formas de sensibilidade, outro métodos de locomoção, outras inteligências e outras finalidades, então cairia em enorme erro. Um ser semelhante acharia na impossibilidade absoluta de formar uma ideia qualquer sobre as múltiplas finalidades e das atividades tão diversas da personalidade “Humano”, que ele contribuiu para criar. E ainda menos do universo tal como se manifesta ao humano, mesmo quando este, por sua vez, não seja senão uma parte insignificante do universo.

Todas as analogias padecem de algum defeito, mas nem por isso são menos úteis e a analogia que acabo de expor contribui muito para iluminar-nos. Efetivamente, nós formamos também parte integrante dessas mesmas atividades que operam o bem e o mal; como os glóbulos brancos, temos a faculdade de ser úteis, de remediar ou de piorar, nos limites de nossa atividade. Apesar de nossa insignificância, pede-se no nosso concurso; somos a este respeito tão necessários como o é para nosso organismo o concurso desses humildes glóbulos brancos, que contribuem para mantê-lo com boa saúde, ajudando-o a vencer as doenças que o ameaçam. Em resumo: nos somos os “glóbulos brancos” do Cosmo e formamos parte integrante de uma Divindade imanente, para cujas finalidades servimos também. (Raymond, pág. 385 e 386.)

O professor William Barret compartilha deste ponto de vista escrevendo:

“Haveria de concluir que o grande objetivo da vida é, de um lado, a edificação, a consolidação e a perpetuação de nossa personalidade separada e bem distinta, e por outro lado, o despertamento e desenvolvimento, em cada uma das consciências individualizadas, de uma Unidade interior que une todas as personalidades distintas a uma Personalidade Sintética mais vasta na qual “vivemos, nos movemos e existimos”. Em outras palavras: haveria de chegar à conclusão de que constituímos todos uma parte integrante de um Organismo Único e que todos somos membros dele. (On the threshold of the Unseen, pág. 251).

Poderiam objetar que essas ideias não são em suma mais que conceitos filosóficos. Sim, mas trata-se indubitavelmente de especulações filosóficas racionais e legítimas, fundadas no critério da analogia. De qualquer modo, não deixam de ser suscetíveis de alcançar seu objetivo, que é, especialmente, neutralizar especulação filosófica, infinitamente menos legítima, porque não está de acordo com os resultados da analogia: a empregada pelo doutor Mackenzie para justificar filosoficamente sua opinião, sobre a extinção final do Espírito humano!

Dito isto, e voltando ao tema essencial deste trabalho, concluo observando que de qualquer forma as negações categóricas da sobrevivência da alma e a terminologia denegridora do Espírito humano são absolutamente vãs e inúteis do ponto de vista científico, de conformidade com a qual nada pode servir para a solução de um grande problema fora das induções e deduções sacadas dos fatos. Nesta ordem de ideias, é certo que se as investigações metapsíquicas levam algum dia à demonstração experimental da sobrevivência do Espírito humano, os adversários mais intransigentes terão de aceitar esse veredicto inapelável pronunciados pelos fatos e, conseqüentemente, não poderão deixar de sentir-se confundidos e humilhados pelos imprudentes qualitativos que hoje empregam. Pois bem, a chegada desse dia é não apenas certa para todos os que examinaram os fenômenos mediúnicos sem nenhuma ideia preconcebida de escola, mas também - podemos afirmar - iminente. Entre os fatos que permitem esperá-lo já, pode-se citar a publicação recente na Inglaterra de um livro no qual se acham expostas manifestações mediúnicas de tal maneira decisivas que devemos chegar à conclusão de que perseverando nesta ordem de investigações se conseguirá estabelecer rapidamente uma base científica inquebrantável para a hipótese Espírita. (1)

1 - As pesquisas desenvolvidas por Joseph Banks Rhine, na Universidade de Duke, Estados Unidos, que deram origem a moderna parapsicologia, comprovam as esperanças do autor.

Assim, pois, se não se duvida de que os fatos podem resolver o formidável enigma, coisa que não conseguiram jamais as divagações mais ou menos absurdas sobre a miserável pequenez do Espírito humano, o melhor que podemos fazer é expor e comentar algumas das experiências a que nos referimos, que darão um tema de profundas meditações aos nossos contraditores.

As experiências a que acabo de aludir se acham no livro que leva por título: “Towards the Stars”, devido à pena do conhecido escritor inglês Denis Bradley, autor que tem se

destacado pelo caráter orgulhoso e indomável que ressalta de todos os seus escritos e lhe dá um selo completamente característico. Deduz-se desta obra que o senhor Bradley não tinha nenhuma intenção de se consagrar às investigações metapsíquicas, às quais foi levado por uma simples coincidência.

Havia ele ido a Nova Iorque para tratar de negócios e um de seus amigos o convidou para ir a sua vila Arlena Towers, localidade situada nos arredores daquela cidade. Esse amigo, de origem russa, chamado José de Wyckoff, ocupava-se com experiências mediúnicas e propôs ao seu hóspede que assistisse a uma sessão. O senhor Bradley aceitou de bom grado, embora a título de passatempo e o senhor Wyckoff telegrafou a um médium chamado Jorge Valiantine, convidando-o a ir à sua casa durante uma semana. Eis como o senhor Bradley descreve o médium:

Não me havia encontrado jamais com um médium, nem falso nem autêntico; a presença de Valiantine me interessou, não porque acreditasse que ele poderia me ser útil de alguma forma, mas apenas como “tipo”. Tinha o aspecto de um desses americanos provincianos habituais, desprovidos de rasgos característicos da personalidade; era sensível e correto, seja pessoalmente seja em seus pensamentos.

Observei que era incapaz de expressar-se com desenvoltura; não demorei em descobrir, por outro lado, que não havia feito nenhum estudo regular nem havia lido muito. Não observei nele nada que fosse suspeito: nem conversas evasivas, nem perguntas habilmente construídas, sequer falsas amabilidades confidenciais, todos esses detalhes que diferenciam os charlatães e os vigaristas. O tom de sua voz era corrente, de acento agradável, embora denunciasse o provinciano americano. Não entrei em todos esses detalhes senão porque se revestem de grande valor em relação ao que eu contar.

Dada a importância das manifestações obtidas por Bradley e útil ajuntar algumas outras referências sobre médium Jorge Valiantine. É um homem de uns 50 anos e tem uma pequena indústria bem encaminhada que lhe proporciona o necessário para viver. Até a idade de 43 anos não se havia ocupado jamais ele pelo Espiritismo e ignorava que possuísse faculdades medianímicas, embora entre os seus ascendentes tenha indivíduos dotados de lucidez e de automatismo no desenho.

Ocorreu-lhe uma vez quando dormia em um hotel, ouvir soar fortemente três golpes na porta de seu quarto. Acendeu a luz e abriu a porta, mas nada viu. Tornou-se a deitar, mas, de imediato, outros três golpes soaram na parede que separava seu quarto do corredor. Apressou-se em abrir novamente a porta, mas nada encontrando chamou o rapaz do hotel, que veio e assegurou que ninguém havia passado pelo corredor, quando regressou a sua casa, falou Valiantine sobre este curioso incidente em presença de uma senhora que se ocupava de investigações medianímicas e insistiu com ele para improvisar em seguida uma sessão, com sua mulher e ela mesma. Ele aceitou; rápido, através de golpes dados no interior da mesa, manifestou-se o Espírito de um de seus parentes mais próximos, que lhe aconselhou a continuar as sessões e construir uma espécie de megafone, anunciando-lhe que poderia chegar a ser um poderoso médium de “voz direta”. O que, de fato, aconteceu.

Passo agora a resumir alguns episódios sucedidos no curso das primeiras sessões assistidas pelo senhor Bradley.

Na primeira estavam presentes o senhor Wyckoff, seu sobrinho José Dasher, o Sr. Denis Bradley e o médium.

O senhor Wyckoff colocou duas bandagens luminosas ao redor das munhecas do médium com a finalidade de perceber seus movimentos no escuro. Os experimentadores se sentaram formando um círculo, a uma distância de cinco pés (por volta de um metro e meio) um do outro. No centro foram colocadas duas buzinas de alumínio, de bordas luminosas.

Passaram-se uns vinte minutos sem nenhuma manifestação; o senhor Bradley começava a aborrecer-se bastante e experimentava um certo sentimento de mal estar por causa da situação em que se encontrava e que considerava ridícula para uma pessoa séria, quando, sem nenhum aviso prévio, produziu-se a primeira manifestação.

Bradley a narra da seguinte forma:

De repente se fez um silêncio profundo e, de uma maneira fulminante, tive a sensação da presença na sala de uma “quinta” pessoa. Imediatamente depois, ouviu-se uma gentil voz de mulher que me chamou por meu nome; era uma voz vibrante, que soava a uns três pés a minha direita.

Eu permanecia frio, tranquilo, observador impassível. Não respondi ao chamado senão com um monossílabo: “sim”.

Então, meu nome foi pronunciado duas vezes, mas com uma tonalidade cada vez mais vibrante de emoção, como se quem falasse se visse oprimido pela alegria de voltar a ver um amigo adorado, depois de uma grande separação. Então repliquei: “Sim, sou eu de fato. Que deseja você?”. A voz disse: “Oh! Te quero sempre, te quero sempre!”. Estas palavras foram pronunciadas com uma expressão de ternura e beleza eletrizante. Eu havia ouvido as mesmas palavras pronunciadas por algumas das maiores atrizes do mundo, mas nunca as havia encontrado demonstrando transbordante efeito... Perguntei: “Diga-me quem é você. Diga-me o seu nome”. – “Annie”, responderam-me. Então compreendi; mas não havia sido vencido meu ceticismo; voltei a perguntar; “Diga-me seu apelido”. E a voz replicou: “Sou Annie, tua irmã!”.

Então se estabeleceu uma grande e impressionante conversação entre nós, e não em voz baixa, mas em tom natural e claro, como entre duas pessoas que vivem neste mundo. Nossa conversa animada vibrava com uma extraordinária alegria, enquanto três testemunhas presentes a tudo escutavam. Nenhuma delas conhecia os acontecimentos de minha família e menos ainda podia saber que eu tivera uma irmã morta havia dez anos. Quando viva, tinha uma voz suave, que modulava com uma cativante doçura. Seu modo de falar era notado por sua elegância. Era, na verdade, uma purista na escolha das palavras. Não encontrei jamais uma mulher que falasse de modo tão selecionado. Pois bem, quando dez anos depois de sua morte se manifestou mediunicamente, expressou-se com a mesma maneira distinta de falar que lhe era peculiar na vida; cada sílaba que pronunciava se caracterizava por essas particularidades inimitáveis de inflexão e de entonação que a distinguiam entre mil. Ficamos conversando assim durante um quarto de hora, sobre temas íntimos que só nós conhecíamos... Depois a interroguei acerca de sua vida espiritual e me respondeu que era literalmente feliz no maravilhoso ambiente em que vivia; mas, ao mesmo tempo, era ditosa naquele momento por ter conseguido achar o meio de falar-me. Falamos tão amplamente do que nos concernia que em certo momento nos demos conta de que éramos pouco discretos para com os outros assistentes que esperavam sua vez... Antes de separar-nos, perguntei-lhe se voltaria no dia seguinte à noite, o que me prometeu. Saudamos-nos pela última vez e, antes de partir, enviou-me ela um beijo sonoro que todos ouviram...

Havia eu assistido, naquele momento, ao maior sucesso de minha vida. Sem dúvida, desde que reconheci a voz de minha irmã tudo me pareceu extraordinariamente natural; desde o preciso momento em que acreditei o supranormal se fez para mim natural e lógico. Toda dúvida se eclipsou ante uma prova semelhante. Meu Espírito compreendeu subitamente que o que até então me parecia impossível era, pelo contrário, perfeitamente passível...

É ridícula qualquer suspeita de ventriloquia. Nada no mundo poderia imitar a voz límpida, clara, suave, que me falava. Ninguém no mundo poderia falar-me com os detalhes característicos que eram próprios de Annie, com seu acento pessoal, com a

extraordinária pureza de linguagem que a distinguia enquanto viveu e, enfim, demonstrar um conhecimento tão perfeito de todos os acontecimentos de um passado particular seu e meu...

Este é o episódio mediúnico que bastou para convencer ao senhor Bradley, que reconhece que sua conversação era perfeitamente racional e justificada. Como quer que seja, não é inútil dizer que as posteriores manifestações da mesma personalidade mediúnica foram mais extraordinárias que a primeira, de tal modo que constituem um conjunto completo que se pode considerar efetivamente como decisivo, em sentido teórico, na demonstração científica da existência e sobrevivência do Espírito humano. Em apoio do que afirmo, não será supérfluo citar a opinião de um eminente experimentador, acerca do valor teórico de certas manifestações mediúnicas por “voz direta”.

O professor Gudmundur Hannesson, ao relatar suas próprias experiências com o médium islandês Indrid Indridason, observa a seguinte:

Alguns experimentadores afirmam ter ouvido falar vozes mediúnicas com uma tonalidade e um acento de tal maneira características que não cabia dúvida alguma do que a que falava era a era voz do defunto que se dizia presente. Claro está que se pudesse comprovar este fato de um modo indubitável, não haveria necessidade de buscar outras provas em apoio da hipótese Espírita. Dada à gênese do fenômeno, assim como sua realidade objetiva, resultaria que a continuidade da vida depois da morte do corpo ficaria com isso definitivamente estabelecida. Devo declarar, não obstante, que, pelo que diz respeito à minha experiência pessoal, não pude comprovar nunca um caso desta natureza que pudesse considerar satisfatório. (American Journal of the S.P.A., 1924, pág. 265.)

Parece evidente que se pudesse comprovar o fenômeno de uma “voz direta” falando com o tom e as inflexões de voz que eram peculiares da morta que se diz achar presente, este fenômeno equivaleria, então, a uma prova de identificação pessoal tão patente e incontestável que não seria precisa pedir nada melhor em apoio da hipótese Espírita. Pois bem, se é assim, que se deveria dizer nas circunstâncias que acabamos de citar, em que a personalidade comunicante não só se expressou constantemente com as características inimitáveis de entonação e inflexões vocais que a distinguiam na vida, senão também que conversou com a mesma maneira de falar seleta e elegante, que enquanto vivia a diferenciava entre mil e falou sobre assuntos familiares íntimos que somente conheciam o senhor Bradley e ela? Se a prova de identificação pessoal por meio da “voz direta” é suficiente para dar validade à hipótese Espírita, esta confirmação foi alcançada e ultrapassada no caso de que nós ocupamos, já que a prova em questão se acha nele completa por todos os detalhes acessórios, de maneira que pode satisfazer todas as exigências da investigação científica. E, no momento, tomemos nota de tudo isto, enquanto prosseguiríamos ocupando-se de depor fatos, porque nas experiências de Bradley se acham provas mais decisivas que as transcritas atrás.

Depois que Annie se retirou, manifestaram-se sucessivamente outras cinco entidades espirituais e cada uma delas se expressou com um tom de voz e um acento distinto das demais. Vou assinalar, entre elas, o Espírito de um ministro protestante cujo falecimento acontecera há alguns dias, sem que o supusesse nenhum dos presentes e que proporcionou excelentes provas de sua identidade pessoal.

A propósito dessas manifestações o senhor Bradley anota:

As vozes ressoavam por todas as partes, dentro da casa. Às vezes vinham do teto ou dos mais distantes pontos do quarto. Outras vezes ressoavam a vinte pés de distância do médium, pelo que seria absurdo falar de ventriloquia... De outra parte, uma

circunstância basta para descartar definitivamente esta hipótese: amiúde Valiantine falava ao mesmo tempo em que as “vozes” Espíritas.

A segunda sessão foi ainda mais extraordinária que a primeira. Um dos experimentadores, Joseph Dasher, havia regressado a N. I. e para substituí-lo o senhor Wyckoff propôs que tomassem parte na sessão sua cozinheira e o ajudante da cozinha, com o fim de ver se produzia algo novo. A cozinheira era espanhola e fazia apenas alguns meses que estava nos Estados Unidos; ignorava o inglês.

Assim que a sessão começou, ouviu-se a voz de um dos “Espíritos guias” do médium, que dirigiu umas frases de saudação a Bradley. Depois, falando a todos em geral, anunciou a presença de vários Espíritos que desejavam comunicar-se com os assistentes. Logo, manifestou-se Annie e a conversação com seu irmão, que se prolongou por mais de vinte minutos, foi mais extraordinária, mais maravilhosa e impressionante que a primeira vez; mas, renuncio a resumi-la, pois ei de limitar-me a expor incidentes que constituam provas diversas de identificação pessoal. Passo, pois, a transcrever a manifestação que se refere à cozinheira Anita Ripoll. Eis aqui como a descreve o senhor Bradley:

O que se seguiu me deixou estupefato. Quando a buzina tocou em Anita Ripoll, esta deu um grito. Então, uma voz saiu da buzina, repetindo com acento emocionado: “Anita, Anita!” – Ela respondeu: “Sim, sim!” – E a voz, falando em espanhol, aduziu: “Sou eu, sou eu quem está aqui” – A cozinheira cheia de alegria, exclamou então! “É ele! É Jose é José!” – Era o Espírito de seu marido. Entabulou-se então uma conversa animada, volúvel, agitada, em língua espanhola, entre a mulher e seu marido falecido. Eu não podia segui-la porque não sei o espanhol, mas todos podíamos compreender os sentimentos que se expressavam.

O senhor Wyckoff seguia o diálogo sem perder palavra e em certo momento se misturou a conversa falando espanhol; Em seguida, Anita e José trocaram de linguagem e começaram a falar em seu dialeto, uma derivação do basco segundo soubemos depois. De vez em quando José se dirigia ao senhor Wyckoff em espanhol e continuava logo falando com Anita em seu jargão, incompreensível para todo mundo. A conversa continuou assim durante dez ou doze minutos, nos quais estas almas sensíveis esgotaram provavelmente quanto tinham de se dizer...

Tal é a parte substancial do episódio, cujo alto valor teórico em favor da interpretação Espírita dos fatos não escapará a ninguém.

Nas sessões que o senhor Bradley realizou posteriormente em Londres, com o mesmo médium, produziram-se outras conversações mediúnicas análogas as que acabamos de expor, em línguas e dialetos que o médium ignorava e, especialmente, um diálogo em língua italiana (com o senador Marconi, inventor da telegrafia sem fios), outra em alemão, dois em russo, outro em dialeto gaulês.

Limitar-me-ei a citar este último incidente que é teoricamente tão fascinante e probatório como o que me referi mais atrás.

A décima quarta das sessões a que aludimos, assistia, entre outros, um novelista e artista dramático conhecido, o senhor Carador Evans, nascido no País de Gales. Em um dado momento, uma “voz” que o senhor Carador mesmo descreve como surgindo do solo, entre seus pés, colocou-se frente a ele e lhe dirigiu a palavra. Eis aqui a primeira parte do diálogo que então começou:

Carador Evans - Tens algo a me dizer?

A voz - Sim.

Carador Evans - Quem és?

A voz - Teu pai.

Carador Evans - Tu, meu pai? Não é possível? Como soubeste que eu estava aqui? Quem te disse?

A voz - Soube-o por Eduardo Wright.

Carador Evans - Bem, escuta, se tu és meu pai, siaradunch a fy ddweyd (fala-me em nosso dialeto).

A voz - Beth i chwi am i fy ddeyd? (Diga-me o que é que queres que te fale?).

E este extraordinário diálogo, mantido em um dialeto muito difícil e incompreensível até para os ingleses, prosseguia no mesmo tom de interrogatório judicial. O cético Carador perguntou ao Espírito que se comunicava quais eram seus nomes e apelidos; depois, que lhe indicasse em que país havia falecido; logo, que descrevesse a casa que havia habitado na vida e a paisagem que a rodeava etc. E o Espírito respondia rápida, minuciosa e veridicamente de tal modo que o ceticismo do perguntador acabou por desaparecer.

Que provas melhores que esta nós podemos desejar em favor da interpretação Espírita dos fatos? Não será, pois, ocioso que nos detenhamos a analisar mais profundamente seu valor teórico?

O malgrado Dr. Geley, que estava convencido dos fundamentos da ideia Espírita, julgou que devia fazer aos contraditores algumas concessões teóricas importantes que, na realidade, não tinha nenhuma razão de fazer. Admitiu que, como hipótese, se postula a existência de uma “criptestesia omnisciente”, que não ignorasse nada de quanto já aconteceu no passado, nem de quanto acontece no presente, então a hipótese Espírita se faz supérflua, posto que já não seria necessária para explicar os casos de identificação pessoal de defuntos. Alude que, em todo caso, em semelhantes circunstâncias, já não seria passível distinguir os casos verossímeis Espíritas daqueles que não o são. Pois bem, estas concepções devem ser anuladas, posto que os fatos as contradizem. Existem categorias de manifestações mediúnicas que de nenhum modo poderiam se explicar pela “criptestesia omnisciente”, quer dizer, que não poderiam se explicar nem ainda postulando a existência nos médiuns de uma percepção supranormal completa das mais pequenas e insignificantes vicissitudes presentes e passadas de todos aos indivíduos que hajam vivido e vivam neste mundo; entre as categorias de fatos que resistem a esta prova está a que ocupa maior a mesma atenção. De fato como aplicar com a hipótese aludida os casos de personalidades de mortos que falam por “voz direta” na língua e no dialeto ignorados pelo médium e pelos assistentes?

A “criptestesia”, ou seja, a “clarividência” pode somente explicar o fato de um médium que compreendesse todas as línguas, todos os dialetos em que lhes falassem, porque neste caso se pode observar, e não sem razão, que o médium clarividente não compreende palavras, senão que lê no cérebro do consultante o pensamento que este expressa com palavras. O pensamento, em sua modalidade psicofísica de “estado vibratório” da substância cerebral (ou do “perispírito”) deve ser idêntico, naturalmente, em todas as personalidades pensantes, fora de toda relação com a língua que a individualidade pensante utiliza para traduzi-lo ao exterior. Resulta disso que esse fenômeno é suscetível de explicar-se inteiramente pela lucidez do médium, sem que seja preciso recorrer a outra hipótese. Mas a coisa é totalmente distinta quando se trata de um médium e, menor ainda, de uma “voz direta” independente do médium – que conversa longamente com o experimentador na língua ou no dialeto deste, que o médium ignora. Efetivamente, se para compreender uma língua não é necessário que o médium a conheça, posto que lhe basta perceber o pensamento do agente, o mesmo não acontece quando se trata de falar uma língua; aí é absolutamente necessário ao médium conhecer a língua, posto que a “clarividência” é impotente para torná-las conhecida; e

esta impotência deriva do fato de que a estrutura orgânica de uma língua é uma abstração pura, que não se pode ver nem perceber no cérebro dos demais.

Não se poderia sustentar o contrario sem admitir que o médium, graças a sua própria lucidez, é capaz de aprender de repente o valor de todos os vocábulos de uma língua, assim como todas as regras gramaticais para agrupá-los, dispô-los e coordená-los em frases racionais; variá-los segundo o gênero, número, declinação e conjugação e, enfim, que é capaz de aprender instantaneamente a fonética especial de cada palavra, o acento característico de cada língua, de cada dialeto, as inumeráveis alocações e idiomatismos que constituem o “fermento vivo” de cada idioma. Isto é possível? Eu não posso imaginar que se achem contraditores que, com o fim de evitar outra explicação sensível e natural que se deduz espontaneamente dos fatos, se atrevam a sustentar uma tese extravagante e absurda.

Em conclusão: os casos em que as personalidades mediúnicas falam em línguas que o médium ignora e conversam por “voz direta” não podem ser explicados de outra maneira que não seja recorrendo à hipótese Espírita, ou seja, reconhecendo que as personalidades mediúnicas que se manifestam são efetivamente dos Espíritos dos mortos que afirmam estarem presentes.

Por conseguinte, devemos convir que o Dr. Geley deu excessivas concessões aos contraditores, concessões que devem de ser consideradas nulas e inexistentes, posto que careçam de fundamento e são contraditadas pelos fatos.

De outro ponto de vista, quero fazer outra pergunta a certos contraditores que nunca perdem ocasião de proclamar que os defensores da hipótese Espírita fundam suas inferências em circunstâncias de fatos puramente supostos, mas que não são, na realidade, senão atos de fé. Eu quero perguntar-lhes se as consequências deduzidas de episódios como os que expusemos, nos quais as personalidades dos mortos se expressam em voz alta, com o tom, as inflexões de acento, que as caracterizavam em vida e se expressam em seu dialeto, que o médium ignora, conversando sobre acontecimentos íntimos de sua existência terrestre, quero perguntar-lhes se as consequências deduzidas de tais incidentes, repito, devem ser consideradas gratuitas, arbitrarias, semelhantes a um ato de fé, ou trata-se, pelo contrário, de consequências sensíveis, normais, evidentes, rigorosamente lógicas, necessárias, cientificamente inquebrantáveis. Parece-me, em resumo, que neste debate deveriam inverter os valores representativos das partes adversas, colocando os acusadores no banco dos réus e vice-versa.

Porque na verdade nossos contraditores é que se entregam aos atos de fé, alimentando a ilusão de que, para demonstrar quão bem fundamentada está sua tese, basta cunhar sonoros neologismos. Alucinados pelos preconceitos de escola, acusam aos demais de usar argumentações sofisticadas, quando são eles mesmos os que as usam.

Para terminar com a tese que mantemos, recordaremos que não se pode explicar tão pouco com as hipóteses naturalistas (telepatia, clarividência, criptestesia), os casos de “aparições de defuntos no leito de morte”, os de “telecinesia no momento e depois da morte”, nem os de “música transcendental no leito de morte e depois da morte”. As razões pelas quais não se explicam com as mencionadas hipóteses me parecem de tal modo claras que é inútil expô-las aqui. De todo modo, remetemos os que desejam se informar sobre este assunto às monografias em que discuto as manifestações a que nos referimos.

Voltando ao nosso tema, dou-me conta perfeitamente de que para não ultrapassar os limites de um artigo, devo renunciar a outras citações das sessões do senhor Bradley com o médium Valiantine, sem poder estender-me tão pouco sobre as outras sessões, notáveis por certo, que realizou com as médiuns senhora Osborne Leonard, senhora

Esther-Smith e Sra. A. V. E., sessões nas quais se encontram incidentes tão extraordinários como os que citamos. No conjunto, as experiências do senhor Bradley contêm uma nova série de casos de identificação Espírita, muito superiores aos melhores obtidos com a senhora Piper, sem excluir os famosos de “Georges Pelham” e de “Bennie Junot”. Os casos mais extraordinários e completos da série são os de “Annie” e de W. A. (este último era parente próximo do senhor Bradley) nos quais as personalidades espirituais se manifestaram por três médiuns diferentes e a cada troca de médium repetiram ao senhor Bradley o que haviam dito e feito anteriormente com auxílio de outros médiuns, com o fim de demonstrar sua identidade imutável, apesar da troca dos instrumentos de que se serviam para se comunicar.

Destaque-se que quando se produziram os incidentes que relatamos e que são tão importantes teoricamente, o senhor Bradley não era conhecido dos médiuns com os quais experimentava, aos quais se havia apresentado com nome falso.

Surpreendeu-se, pois, vivamente quando comprovou que as mesmas personalidades espirituais se lhe manifestavam, aumentando ainda mais a surpresa quando as citadas personalidades lhe mostraram que se recordavam do que haviam dito e feito na América e em Londres por intermédio de outros médiuns.

Decido-me a citar ainda dois rápidos incidentes, que se prestam a importantes considerações.

A personalidade mediúnica de W. A. no curso de uma de suas primeiras manifestações por intermédio da médium senhora Osborne Leonard, recordou minuciosamente os acontecimentos últimos de sua própria existência terrena, com a fim de provar ao senhor Bradley sua identidade pessoal. Depois de haver descrito os últimos instantes de sua vida, ela ajuntou: “Depois de meu falecimento, tenha tentado em várias ocasiões abrir as portas dos quartos... Ter-me-ás ouvido caminhar pela casa? Entre outras coisas, tenho tentado despertar a Mabel (a esposa de Bradley) abrindo as portas do quarto onde dormia, mas em seguida me arrependi, ao pensar que poderia assustar-se tornando-me por um ladrão”. Eis aqui os comentários de Bradley:

Pouco depois do falecimento de W. A., minha senhora dormia no quarto contíguo ao que estava o defunto. De repente, à noite, a porta de seu quarto se abriu de par em par. Minha esposa levantou-se da cama e a fechou com cuidado, mas pouco depois a porta se abriu novamente. Fechou-a de novo minha senhora, sacudindo-a fortemente para assegurar-se de que estava bem fechada. Ao voltar ao leito, deixou a luz acesa, pois a repetição do fato a havia posto um pouco nervosa. Mas, a porta se abriu novamente, pela terceira vez. Minha esposa ficou fortemente impressionada e teve de abrir mão de todo o seu orgulho para deixar a cama outra vez e ir fechar a porta (pág. 53).

Este incidente é interessante sob distintos pontos de vista. Em primeiro lugar, é importante por si mesmo, dado seus rasgos característicos de telecinesia em relação com os casos de morte, tendo se produzidos depois de uma morte, rasgos característicos que o tornam inexplicável sob qualquer hipótese naturalista das imaginadas até aqui para explicar os fenômenos mediúnicos, inclusive o da “criptestesia omnisciente”. Em honra à exatidão, destaca que um contraditor de talento, o Sr. René Sudre, tem tentado resolver esta dificuldade explicando que nestes casos podia tratar-se de um impulso telepático que teria sido produzido no momento da morte, percebida subconscientemente por alguns dos assistentes e em seguida surgido da consciência de alguns destes, transformando-se e objetivando-se em fenômenos de “telecinesia”. Como se pode ver, esta pretensa explicação, que representa o esforço supremo dos opositores em defesa de sua tese, não podia ser mais forçada, gratuita e complicada. E a contradizem também os fatos, como o já o provei ao senhor Sudre num artigo publicado na “Revue Spirite” e no qual cito um caso em que o fenômeno telecinésico se produziu

e se realizou de acordo com uma promessa feita pela pessoa quando vivia, iniciando-se três dias depois da morte e repetindo-se durante cinco dias consecutivos, até o momento em que o agente conseguiu cumprir integralmente o fenômeno prometido em vida, como prova de sua presença espiritual. É preciso destacar que estas circunstâncias, em comparação a fantástica inverossimilhança, absolutamente gratuita da hipótese do senhor Sudre, bastam para explicar sua tese do número das cientificamente legítimas. Não é, pois, coisa para se discutir agora.

Limito-me a repetir que incidentes como estes são inexplicáveis com as hipóteses naturalistas imaginadas até aqui para explicar os fenômenos mediúnicos, o que lhes confere uma grande importância teórica. No que diz respeito ao episódio em questão, é este tanto mais interessante e instrutivo quanto, e completa de um modo inesperado pelo fato de que o Espírito do morto cujo cadáver jazia em seu leito de morte, naquela mesma casa, no momento em que o fenômeno se produziu, assegurou depois ser o autor, o que contribuiu admiravelmente para confirmar a tese que nós sustentamos.

Em segundo lugar, o episódio que nos ocupa é interessante também porque as manifestações de telecinesia, que se verificaram algumas horas depois da morte de W. A., são análogas às que se produzem nas “casas assombradas” (ruídos de passos que vão e vêm pela casa, portas que se abrem etc.) quando o Espírito de W. A. explica havê-los provocado com o fim de assinalar a seus parentes sua presença espiritual, explicação que confirma o já temos confirmado em nossa obra sobre “Os fenômenos de encantamento”, a propósito da vulgaridade de certas manifestações de “duendes”, vulgaridade que, em nossa opinião, se explica pelo fato de que os Espíritos dos mortos se manifestam como podem, não conseguindo sempre manifestar-se como querem. Pois bem, as explicações que espontaneamente proporcionou a personalidade mediúnica de W. A. confirmam nossa suposição, já que conduzem à conclusão de que a personalidade de que se trata, desejando assinalar aos que a rodeavam sua presença espiritual empregou o expediente de abrir uma porta e fazer ouvir os ruídos dos seus passos, porque não dispunha de outros meios para alcançar seus objetivos, ou seja, que se manifestou como pode e não como quis. Isto posto, logicamente se chega a outra conclusão de que os fenômenos desta natureza, tal como se produzem nas “casas dos duendes”, não são de modo algum absurdos “e sem objetivo”, como nossos opositores afirmam para inferir a origem subconsciente dos ditos fenômenos. Pelo contrário, colocando-nos do ponto de vista de quem os produz, são intencionais e racionais, porque revestem o valor de “sinais” por meio dos quais os mortos se esforçam por chamar a atenção dos vivos.

O incidente que acabamos de transcrever não é o único em seu gênero que se acha na obra de Bradley. Há outro análogo que o sucedeu durante o período de seus primeiros experimentos com Valiantine. Assim descreve as impressões que experimentou uma noite, tão logo se deitou:

Alguns segundos depois, percebi uma sensação especial. Sentia-me cada vez mais leve sobre a cama, como se alguém tentasse levantar meu corpo. Naturalmente, eu atribuí o fato a um simples trabalho de minha imaginação. Sem dúvida, a curiosa sensação persistia e eu a analisara intimamente, assombrado de que pudesse pensar um só instante que a coisa fosse real. E, não obstante, apesar de tudo, o movimento continuava acompanhado de um sentimento de leveza do corpo. A cama então começou a balançar suavemente; era como se se esforçassem em levantá-la um pouco do chão. Observei serenamente este movimento durante mais de cinco minutos. Tinha a sensação da “presença” de alguém no quarto, mas de alguém invisível aos meus olhos... (Pág. 22.)

É importante assinalar que o senhor Bradley não falou a ninguém das singulares sensações que havia experimentado.

No dia seguinte, organizou uma sessão com Valiantine durante a qual se manifestou “Annie”, que disse, rindo, a seu irmão:

À noite passada vim buscar-te enquanto estavas só. Tu não te deste conta, mas eu observei que minha presença te punha nervoso. Por quê? Não te debes impressionar nunca com minha presença. Eu te quero eternamente e só desejava demonstrar-te que estava ao teu lado.

Este segundo incidente é, em essência, idêntico ao primeiro, com a diferença, não obstante, de que o primeiro se identifica com as manifestações de “encantamento”, enquanto o outro se parece mais com o que se chama “visitas de mortos”. Mas, os dois derivam das mesmas causas e ambos são igualmente sugestivos e instrutivos. Com efeito, neste último exemplo vimos o fato de uma irmã falecida que, desejando assinalar ao seu irmão sua presença espiritual, emprega manifestações telecinésicas à sua volta, o que mostra bem claramente que de sua parte teve de se contentar em atingir o objetivo como pôde, já que não conseguiu como o queria.

Do ponto de vista que agora nos interessa fica, pois, plenamente demonstrado que os fenômenos de telecinesia no momento da morte e depois dela (quadros que caem, relógios que param, portas que se abrem, ruídos de passos na casa, objetos que trocam de lugar etc.) são efetivamente provocados pelos Espíritos dos mortos, com o fim de assinalar a seus parentes sua presença espiritual. Por conseguinte, fica igualmente demonstrado que os fenômenos análogos que se produzem nas “casas assombradas”, longe de serem “absurdos e sem objetivo” são, por sua vez, provocados por entidades espirituais com a mesma intenção de dar a conhecer sua presença no local. Isto é especialmente exato nos casos dos fenômenos de “encantamento” de caráter objetivo ou físico; os outros, de caráter subjetivo (geralmente de forma visual) podem ser explicados segundo os casos, pela hipótese telepática Espírita, quer dizer, que procederiam do pensamento do morto, dirigido com ansiosa persistência para o meio onde viveu e morreu tragicamente, determinando nos sensitivos que habitam a casa alucinações telepáticas verídicas, de seu próprio fantasma indo e vindo pela casa, tal como ele crê fazer nesse momento.

Paro aqui com as citações julgando haver proporcionado uma ideia mais que suficiente do valor teórico excepcional do livro do Sr. Dennis Bradley. Convido, pois, aos opositores da hipótese Espírita a renunciarem aos seus argumentos relativos à pequenez miserável do Espírito humano e a buscarem a obra citada com fim de submeter à análise imparcial e severa os principais casos de identificação Espírita que nela são relatados, esforçando-se por aplicar todas as hipóteses naturalistas de que disponham ou inventando outras novas se as antigas são inferiores à tarefa que se vai cumprir. Estou convencido de que seus esforços não terão resultado positivo.

O senhor Bradley termina seu livro com a seguinte frase:

Minhas investigações alcançaram uma conclusão: já não tenho necessidade de crer; agora sei. Ou seja, todos os que lerem seu livro farão eco de suas palavras. Por isso penso que a situação estratégica de nossos contraditores fica cada vez mais desesperada.

(Anotações:

Toda e qualquer manifestação mediúnica pode ser contraditada pelos ‘materialistas’ ou ‘unicionistas’. Aqueles que não acreditam na vida espiritual após a morte física, e na reencarnação, jogam para os crentes do fato mediúnico a produção de provas, mas isto não passa de um jogo de palavras, pois as provas espirituais nunca são aceitas pelos descrentes... Como produzir provas ‘materiais’ de fatos ‘espirituais’? Os milênios de fé religiosa materialmente interesseira somente poderiam produzir essas situações: descrença e indiferença ao transcendente! O pior cego é aquele que não quer ver... O pior surdo é aquele que não quer ouvir... O uso de sofismas, palavrório

falacioso, somente interessa aos poderosos do mundo material! Nesta página encontramos o estado da ciência à época; o átomo não é a menor divisão da matéria; evolução científica... A comunidade religiosa dominante, no tempo, fixou a existência de seres 'especiais' criados pelo Criador: os Anjos! Essa falsa afirmação tomou o pensamento dos materialistas e dos religiosos unicionistas, fazendo do Espírito humano um ser separado e menor, sem possibilidade evolutiva espiritual. A afirmação: "Aquele que quiser, pegue seu fardo e venha", demonstra que o evolutivo é individual, portanto, cada um deve decidir por si mesmo! Ninguém carrega o fardo que não é seu!

QUARTA MONOGRAFIA

REMINISCÊNCIAS DE UMA VIDA ANTERIOR

Este caso elimina de um só golpe todas as explicações com as quais psicologia oficial se esforça por conta dos fenômenos de “paramnésia”, desde a teoria da “falsa memória” até a sugestão, autossugestão, as “coincidências, fortuitas” e a “telestesia durante o sonho”.

Há três anos o engenheiro José Costa publicou na Itália obra notabilíssima de assunto metapsíquico intitulada “Di là dalla vita” (Do outro lado da vida), na qual as provas da sobrevivência da alma extraídas dos fenômenos mediúnicos são apoiadas com argumentos impressionantes, baseados nas ciências físicas e químicas.

A obra se divide em quatro partes, a primeira das quais contém as experiências pessoais do autor, que consistem principalmente no sentimento do “já visto” e “já sentido” (paramnésia), sentimento que havia experimentado desde sua infância em presença de quadros, de ambientes, de paisagens que lhe acontecia ver e que com frequência se lhe produziram na adolescência e na juventude. Por fim, um dia, em consequência de uma visão que tivera, conseguiu descobrir alguns documentos históricos particulares, graças aos quais viu agrupar-se em um conjunto coerente e orgânico as distintas impressões de paramnésia que experimentara, conjunto que se apresentava com o aspecto de uma série de acontecimentos vividos por um personagem da Idade Média.

Sem nenhuma dúvida, as impressões de paramnésia experimentadas pelo autor convergem à demonstração do fato de que ele mesmo fora o dito personagem, constituindo uma excelente prova neste sentido. Com efeito, este caso elimina de um só golpe todas as explicações com as quais a psicologia oficial se esforça em explicar os fenômenos de paramnésia, começando pelas diferentes teorias sobre a “falsa memória” e terminando pela hipótese da sugestão, da autossugestão, das “coincidências fortuitas” e da “telestesia durante o sonho”, estados psicológicos e supranormais que não conseguiram produzir uma convergência de impressões subjetivas perfeitamente concordes com os acontecimentos vividos por um obscuro e esquecido personagem da Idade Média.

O caso era, pois, digno de ser levado em consideração e estudado. Mas continha alguns episódios muito românticos que, embora não tivessem nada inverossímil podiam deixar perplexo o investigador. Mas ele evitava analisá-lo e dar-lhe uma divulgação maior.

Não obstante, um de meus amigos que conhecia pessoalmente o Sr. José Costa desde sua infância e que seguira com interesse os incidentes recolhidos pelo referido autor em sua obra, não se cansava de assegurar-me que minhas perplexidades eram injustificadas, que o engenheiro Costa era um homem positivo, sério e probo e que, por outro lado, havia escrito várias obras, muito apreciadas, sobre construções navais e matemáticas superiores. Finalmente, vendo que não conseguia dissipar minhas dúvidas (que não tinham, na verdade, outra causa senão a impressão pessoal já indicada) meu amigo se apresentou um dia em minha casa com o senhor Costa. Eu fiquei impressionado. Achei-me na presença de um gigante de uns quarenta anos com um tórax de Hércules e uma aspecto marcial de antigo guerreiro que se harmonizava estranhamente com suas recordações de uma existência anterior, na qual fora um cavaleiro medieval. Uma vez passado meu primeiro sentimento de surpresa, fiz seguir a conversa sobre o caso de que era protagonista, rogando-lhe me proporcionasse informações sobre o assunto. Iniciou, com um semblante frio e mesurado, contando-me a história de suas reminiscências referentes a um passado muito antigo que vivera. Como acontece geralmente em tais circunstâncias, a palavra sincera e convencida do narrador não demorou em dissipar as

desconfianças que havia despertado em mim a leitura dos acontecimentos a que nos referimos. Por esta razão, creio-me no dever de relatar brevemente o caso do engenheiro José Costa. Este relato ocupa umas cinquenta páginas no livro, pelo que me vejo obrigado a resumi-lo. O autor começa assim:

Os fatos que vou relatar têm algo de fantástico e irreal. E, sem dúvida, são verdadeiros. Mas estão de tal forma em oposição com as ideias da maioria dos humanos, com as teorias científicas mais arraigadas, que eu mesmo não pude subtrair-me a um trabalho de análise para julgar os desacordos entre meu raciocínio, orientado segundo ideias preconcebidas da vida normal e o testemunho dos meus sentidos, que não podiam ter feito o prodígio de transformar imagens alucinatórias em acontecimentos que se realizaram efetivamente. Não ignoro que ao publicar estes fatos, esperavam-me a incredulidade e a crítica pouco benévola. Mas, sei por outro lado, que se me calasse ocultaria fatos que projetaram estranhos fochos de luz sobre esses comentários e o dever de contribuir com o desenvolvimento das investigações, um campo científico de imenso interesse para a humanidade, não titubeei. A crítica deverá, quanto menos, levar em conta meu ato de valor...

As primeiras vagas sensações do “já visto” e do “já sentido” surgiram na mente do autor durante sua primeira infância, passada na pequena cidade de Gonzaga, próxima a Mantua. Acontecia-lhe isto diante de um pequeno quadro que pendia em uma das paredes de sua casa e que representava Constantinopla e o estreito. O senhor Costa escreve:

Tenho presente, todavia, a profunda emoção despertada em mim por um antigo quadrinho que representava uma paisagem oriental, na luz resplandecente de um pôr de sol, que acendia como relâmpagos nas altas torres e as cúpulas douradas de uma cidade que se estendia de um modo pitoresco na orla de um golfo maravilhoso... Este assunto despertava em mim mil recordações de lugares, fatos, tempos antigos, gravados em minha memória com formas que se esfumaçavam quando eu tentava retê-las e penetrar mais fundo nas lembranças. Em vão me esforçava por buscar nos lugares e nos acontecimentos estritamente relacionados com a imagem, à qual se associava à lembrança de uma multidão de humanos de armas, de navios despreendendo ao vento suas velas e suas bandeiras, de lutas, de choques de armas ensurdecadores, de montanhas, de vastas extensões de água esfumando-se no horizonte em linhas indefinidas, de colinas verdes, cobertas de flores, descendo suavemente até verdadeiros espelhos d'água, entre luzes e cores que fundiam harmonicamente os meios tons do céu, da terra e da água.

Que eram essas imagens tão vivas, tão claras, tão presentes em minha memória e que contrastavam tanto com as paisagens e a tranquilidade prosaica da planície de Mantua? Não se referia certamente a fatos, a acontecimentos de minha vida presente, nem a relatos nem a leituras, pois eu não sabia sequer dar o nome apropriado de navios, lagos, guerreiros nas impressões que me apareciam nessa forma simbólica. Não pude fazê-lo senão alguns anos mais tarde, comparando com descrições ou figuras essas imagens que eu conhecia sem havê-las visto nunca, nem em realidade nem em desenho.

O senhor Costa destaca que estas vivas evocações espirituais de sua infância, provocadas pelo quadrinho colocado na parede, teria se dissipado provavelmente com a idade se uma estranha sucessão de ideias não houvesse enlaçado o quadro de Gonzaga com a cidade de Veneza, quando seu pai o levou até lá. Tinha então dez anos e assim descreve suas impressões:

Desde minha chegada, o eco tão característico das vozes e sons da cidade, apagando-se na água dos diques e canais, evocou em meu Espírito uma impressão análoga que, ao surgir, me havia surpreendido no mesmo lugar e do mesmo modo, muito tempo antes...

E, a sensação que lhe produziu este sentimento “já visto”, do “já sentido” foi tão forte que durante a noite se transformou em um sonho vivo.

Sonhei que chegava a Veneza depois de um longo trajeto por rios e canais, por entre pântanos e vales, em barcos cheios de uma multidão de humanos armados como na Idade Média. Eu estava no meio deles, mas com aspecto de um humano de uns trinta anos, encarregado do mando. Depois, uma estância em Veneza; logo, o embarque em galeras sobre as quais flutuavam estandartes azuis com a imagem sagrada de Maria em meio a estrelas douradas e bandeiras vermelhas com a grande Cruz Branca de Saboia.

Sobre o barco-insígnia, mais pintado e decorado que os demais, um personagem a quem todo mundo prestava cortesias, falava-me com afetuosa cordialidade. Depois, a extensão infinita das águas até os limites do horizonte, o desembarque em uma terra fértil, sob o céu límpido de cobalto.

Um novo embarque e outro desembarque em uma praia deserta, dominada por uma cidade defendida por altas torres, cheia de guerreiros. Logo o assalto, a batalha, a luta feroz, a vitória, nossa entrada na cidade conquistada. Finalmente a marcha de nosso exército até a cidade das cúpulas douradas no golfo maravilhoso. Era esta a cidade pintada no quadro de Gonzaga: Constantinopla, tal como a revi depois...

O autor observa que estas imagens do sonho não eram fantasias nem criações novas; que constituíam os acontecimentos que desde sua primeira infância evocavam em seu Espírito o quadrinho que pendia na parede; acontecimentos que, no sonho, foram coordenados em uma sucessão lógica, cronológica, como deveriam se produzir na realidade. Sua mentalidade infantil foi de tal modo impressionada que acreditou haver sonhado a verdade. Neste sentido falou-lhe seu pai, esforçando-se por tirar-lhe da cabeça estas fantasias.

Já adulto, o senhor Costa sentiu nascer em si uma verdadeira paixão pelas armas, as salas de armas, as ginásticas e os locais de equitação. Entrou para o exército na qualidade de voluntário. Pouco depois foi nomeado subtenente no regimento da cavalaria “Piemonte-Reale”, com guarnição em Verceil. Viu-se imediatamente em seu meio natural, “como se retomasse costumes e tendências adquiridas em um passado distante”.

Um dia, atraído por uma solene e misteriosa harmonia sagrada, entrou na igreja de San Andrés, em Verceil, e se sentiu invadido pelo sentimento profundo de uma humilhação sofrida em outros tempos. E se pergunta: Por que transpus com tanto temor o umbral da igreja, como se a voz de um arrependimento já distante houvesse despertado em mim? Por que contemplei com uma dolorosa lembrança as três majestosas naves, os maciços pilares, com sua coroa de colunas ligeiras? Havia entrado no passado nesta igreja? Estes mármore solenes haviam sido testemunhas de uma cerimônia análoga pela qual minha alma durante muito tempo ficou oprimida? Eu não soube então, nem durante algum tempo, explicar-me logicamente estas lembranças, bem como outras reminiscências que despertavam em mim paisagens e acontecimentos com a nitidez e o colorido das coisas reais...

O autor prossegue dizendo que as urgentes necessidades da vida não tardaram a impor-se a ele, levando-o a renunciar a toda investigação que não tivesse como resultado imediato o melhoramento do bem-estar de sua família. Nestas condições, as misteriosas reminiscências que nele despertavam, de armas e batalhas, de galeras e cidades orientais, ficariam apagadas ao contato com a realidade, se outros acontecimentos em sucessão incessante não se houvessem projetado e justaposta às sensações da primeira juventude, levando-o a meditar seriamente sobre sua possível origem. Mas o senhor Costa era um positivista materialista, o que impedia que seu pensamento tivesse uma

orientação justa. Finalmente, aconteceu-lhe um incidente em que esteve a ponto de perder a vida, que modificou radicalmente suas convicções filosóficas.

Uma noite em que se achava estudando, preparando-se para os exames do diploma universitário, foi vencido pelo sono, caindo sobre a cama e provocando a queda de uma lâmpada de petróleo que não se apagou, produzindo uma densa labareda asfixiante.

A atmosfera se tornou irrespirável e o senhor Costa sucumbiria asfixiado se não houvesse sucedido estranho incidente. Viu-se subitamente de pé em meio ao quarto, perfeitamente desperto, mas separado do corpo, o qual contemplava diante de si, deitado insensível sobre o leito. E não somente o via exteriormente, mas, também, interiormente, divisando, sobretudo, os plexos nervosos e os vasos sanguíneos que palpitavam a um ritmo acelerado. Ele se sentia livre, ligeiro, etéreo, mas ao mesmo tempo oprimido por uma angústia inexplicável; é que estava ligado ao corpo material que naquele momento sofria horrivelmente. Pensou em levantar a lâmpada e abrir a janela, mas se deu conta de que não tinha ação sobre a matéria. Pensou então em sua mãe que dormia no quarto ao lado e, imediatamente, através da parede, viu-a dormindo em sua cama, rodeada de uma atmosfera radiante que não tinha seu próprio corpo. Chamou-a, pedindo-lhe socorro e viu como despertava sobressaltada, deixava rapidamente a cama e corria a abrir a janela, como se executasse automaticamente à última exortação expressa por ele. Viu-a em seguida sair do seu quarto, precipitar-se para o do seu filho, abrir a janela e buscar o corpo inanimado. Ao contato com as mãos maternas, o Espírito exteriorizado do filho se sentiu atraído para seu corpo, que revivesceu, despertando pouco depois, com gravíssimos sintomas de asfixia.

Este fenômeno de “bilocação” que ocorreu com ele mesmo, no qual seu Espírito havia abandonado o corpo, que pôde contemplar à distância, como se já não lhe pertencesse, enquanto permanecia vivendo e mais consciente que antes, serviu para convencer o paciente da existência e da sobrevivência da alma e, conseqüentemente, serviu para orientar corretamente o seu pensamento na busca de uma hipótese capaz de explicar as sensações do “já visto” e do “já sentido”, que se renovavam nele com tanta frequência. Alude a tudo isto na seguinte passagem:

Jamais experimentei tão fortemente a sensação de viver como no momento em que me senti separado do corpo. Perguntei a minha mãe pouco depois do incidente e ela me confirmou que primeiramente abriu a janela de seu quarto como se experimentasse ela mesma uma sensação de asfixia, antes de correr em meu auxílio. Pois bem, o fato de havê-la visto fazer isto, apesar da parede que nos separava, enquanto eu estava deitado, inanimado, sobre a cama, excluía a hipótese de uma alucinação ou de um pesadelo durante um sonho que transcorria em circunstâncias fisicamente anormais. Não me vinha nenhuma outra dedução lógica senão supor que meu “Eu” pensante havia trabalhado fora do meu corpo... Tivera, pois, a prova evidente de que minha alma se separara do corpo durante a existência corporal, tivera, em suma, a prova da existência da alma e até da imortalidade. Porque se é verdade que se desprende, sob a influência de circunstâncias especiais, da envoltura material do corpo, atuando e pensando fora dele, é natural que volte a encontrar depois da morte a plenitude de sua liberdade e o desprendimento de todo laço material.

Uma vez admitida esta explicação (que a lógica dos fatos confirma), eu vi por fim dissipar-se a meus olhos a névoa que envolvia as causas e as origens dessas lembranças distantes e esfumadas que caracterizaram minha infância e minha juventude. Deviam remontar a outra existência, a outra personalidade, a outro corpo que minha alma tivera sabe Deus em que época e em que circunstâncias. Eu devia guardar uma vaga lembrança desses acontecimentos, em virtude de uma disposição psíquica especial. Esta

disposição devia ser bastante rara, tão rara como os fenômenos que eu havia comprovado em mim mesmo...

Como se pode ver, o incidente da “bilocação” que experimentara o senhor Costa, ao proporcionar-lhe a convicção da existência e da sobrevivência da alma, fez-lhe pensar pela primeira vez que suas impressões subjetivas, tão frequentes e claras, procediam de lembranças de uma existência vivida anteriormente. Tratava-se, sem dúvida, de uma suposição puramente intuitiva que, para que tivesse um valor demonstrativo, exigiria que o autor conseguisse descobrir no passado um personagem ao qual se adaptassem todos os acontecimentos que correspondiam às sensações diversas e complexas do “já visto” e do “já sentido”, que emergiam tenazmente de seu subconsciente. Tamanho esforço parecia praticamente irrealizável. E, sem dúvida, certas circunstâncias a tornaram possível.

Um dia o senhor Costa, com dois amigos, os senhores Alberico Barbiano de Belgioioso d'Este e Eneas Silvio Piccolomini partiram para uma excursão no Vale de Aosta.

Assinalemos que a presença do primeiro dos referidos senhores, descendente de uma antiga família patriciana, poderosa na Idade Média, constitui outra curiosa coincidência no conjunto dos fatos, pois o nome de um dos seus antepassados desempenha importante papel nos acontecimentos históricos que correspondem às impressões “paramnésicas” experimentadas pelo autor.

A visita a alguns dos famosos castelos antigos do vale de Aosta constituem uma nova fonte de impressões do “já visto” e do “já sentido” para nosso sensitivo. Por isso, pergunta-se:

Por que razão misteriosa eu experimentei um sentimento de tristeza infinita e de repulsão à vista do castelo de Ussel, como se uma vaga lembrança de dolorosos acontecimentos estivesse estreitamente vinculada a seus muros?... Entre os resplendores do crepúsculo vespertino me parecia ver manchas de sangue nas muralhas de Ussel. As ruínas do castelo, a tristeza e o silêncio do lugar me oprimiam a alma como um arrependimento inapagável...

O castelo de Fenis, muito melhor conservado que o de Ussel, não desperta no senhor Costa sensações subjetivas; ele o observa e estudava artisticamente seus interessantes detalhes.

O mesmo já não acontece com o castelo de Verrés, que se apresenta cheio de reminiscências do passado, vibrantes de emoção, de paixão, de dor. Decide voltar a vê-lo à noite, sozinho, ao clarão da lua. Nessas circunstâncias se desenvolve o episódio culminante de suas recordações de uma vida anterior vivida por ele.

O castelo foi edificado em 1380, por Iblet de Challant, o personagem mais ilustre da família de Challant, conselheiro do “Conde Verde” (Amadeu VI) e do “Conde Vermelho” (Amadeu VII), da Casa de Sabóia.

Enquanto nosso sensitivo se achava no interior do castelo, desencadeou-se uma furiosa tormenta. O senhor Costa observa a este respeito:

Uma estranha lucidez de Espírito parecia opor-se àquelas profundas trevas, fazendo-me entrever, em meio aos relâmpagos, as salas restauradas com seu antigo esplendor; as abóbadas rotas se compunham, acendiam-se os fogos nos imensos queimadores das chaminés, a chuva se confundia com o alegre sussurro de várias vozes reunidas, passando na praça em torno do fogo. Não lamentei que a chuva violenta me houvesse impedido de regressar a Verrés, porque não desejava subtrair-me àquele caudal de imagens e visões.

O cansaço terminou por vencê-lo e acabou dormindo no grande salão em ruínas do segundo piso. Eis aqui como o autor descreve a cena de seu despertar:

Quis levantar-me. Tinha os membros intumescidos pela prolongada imobilidade e o corpo trêmulo de calafrios por causa do frio noturno, quando a sombra mais escura da parede não iluminada pela lua pareceu iluminar-se com um resplendor fosforescente. Fixei meus olhos, bem abertos, na misteriosa luz que parecia restringir-se e condensar-se, aumentando a intensidade, de maneira que de pronto adquiriu o aspecto de uma forma material cada vez mais visível na sombra negra. Na luminosidade difusa se divisava lentamente um corpo humano, com contornos progressivamente mais pronunciados, destacando-se em meio de uma auréola mais tênue que o rodeava, até que todos os seus átomos se condensavam em uma imagem de mulher, ainda imprecisa em sua forma espectral, mas perfeitamente visível... Eu estava como que preso ao chão, com os membros paralisados pela emoção... Mas foi só um instante.

A razão se sobrepôs em seguida ao vil temor da matéria e me levantei. Pareceu-me então que aquela forma espectral se apequenava ao dominá-la eu com minha manta gigantesca.

Fui a ela para saber quem era, para prendê-la como matéria, para obrigá-la a revelar o mistério de sua aparição. Mas, ao avançar fiquei deslumbrado pela luz da lua que me veio em pleno rosto. Ao penetrar de novo na sombra de onde o fantasma saíra, nada vi. Sonhara? Seria uma alucinação original do sonho e que a vivacidade da impressão reterá durante este estado de semissonho, no qual sumira o sino de São Gil? Mas, não!... No umbral da porta entrevejo a forma do fantasma que me convida a segui-lo. Eu o faço tropeçando nas ruínas, nos degraus da escada, enquanto a figura parece planar, roçando apenas o chão. De pronto, volta-se para mim do patamar da escada e vejo-a lá em cima, sobre o arco de círculo que une as duas paredes, muito bela em sua imagem olímpica como se fosse a estátua do ideal...

Já não será mais um fantasma para mim: é a lembrança de um amor profundo o que persigo neste momento. Mas, quem é ela? Eu o ignorava e pouco me importava saber. Sentia um divino desejo imaterial, o sublime sentimento espiritual que se desprende ao contacto de dois seres que se amam. Eu a via agora maravilhosa, com seus grandes olhos que devo ter contemplado cem vezes em um êxtase divino, com sua boca sorrindo, que eu devo ter beijado tantas vezes, unindo nossas almas...

Quando me acerquei dela, na contemplação extática de sua etérea figura, tive a impressão de ouvir que me dirigia a palavra, devendo tratar-se sem dúvida da transmissão de pensamento, de sua alma para a minha. E assim falou-me:

“Iblet! Tenho desejado ver-te antes do grande dia em que a morte divina nos reunirá outra vez, para que retires de minhas lembranças a fé que se distancia de ti, de modo que te seja cada vez mais duro o laço da vida... Li, próximo da torre de Albenga, algumas lembranças de teu passado terrestre... Guarda as lembranças de meu rosto e de minha alma que foi boa e que tem falado à tua, Iblet, a alma gêmea que espero na hora solene!

Vi-a então esfumar-se, dissolver-se, perder-se na luz cada vez mais diáfana... Podia repetir, palavra por palavra, o que ela me disse, mas não conseguia lembrar do timbre nem do som de sua voz, sequer conceber de que modo aquela voz havia chegado a mim... Aquele nome de Iblet pelo qual me chamara era, pois, o nome com que me designavam em uma existência anterior, da qual eu guardava tão vagamente a lembrança? O destino havia-me conduzido àquele lugar, que havia sido minha morada? As impressões que eu havia experimentado à vista do castelo de Verrés não pareciam confirmar, por acaso, essa suposição?

Tais são as passagens essenciais do relato da visão notabilíssima que apareceu para nosso autor, no castelo de Verrés. A persuasão de haver visto um fantasma autêntico ficou firmemente gravada nele durante vários dias. Logo sua razão começou a rebelar-se

contra esta ideia ao mesmo tempo em que se rebelava contra si mesmo por admitir a possibilidade de uma alucinação. Finalmente, chegou às seguintes conclusões, que parecem incontestáveis:

Que eu haja visto realmente um fantasma ou que haja sonhado vê-lo, não é menos certo que eu sei agora, sem que ninguém me haja falado disso e menos ainda que o haja lido, que há na torre de Albenga documentos nos quais poderia inteirar-me de muitas coisas sobre a vida de um tal “Iblet de Challant”.

Uma vez esclarecido este ponto, restava apenas ao Sr Costa trasladar-se a Albenga, próximo de Savona, para assegurar-se do que havia de realidade na manifestação de Verrés.

Nosso autor foi até lá, fez-se apresentar ao proprietário da torre de Albenga, o Marquês Del Carreto di Balestrino e solicitou-lhe autorização para efetuar algumas investigações nos arquivos da família, com o pretexto de haver sido informado de que naqueles arquivos particulares se conservavam alguns documentos relativos a um certo Iblet Challant, pelo qual se interessava do ponto de vista histórico.

O Marquês Del Carreto lhe concedeu amavelmente a autorização solicitada e não demorou em achar um feixe de documentos que se referiam efetivamente à casa de Challant.

Pode verificar que em 1694 estes documentos foram retirados furtivamente do castelo de Issogne e depositados nos arquivos Del Carretto, em Albenga. Entre aqueles papéis, achou uma biografia de Iblet de Fenis. O senhor Costa observa a propósito disso:

Tocava assim outra prova material evidente da realidade dos acontecimentos daquela inolvidável noite no castelo de Verrés. Aqueles acontecimentos não eram, pois, produtos de minha fantasia alucinada, posto que me haviam levado a pôr a mão em documentos que ninguém no mundo, afora o Marquês Del Carretto (cuja existência eu ignorava) podia conhecer nem dizer-me onde se achavam, ninguém que não estivesse provido de um poder transcendental, como a aparição de castelo de Verrés...

Aqui estão as principais passagens da vida de Iblet de Challant, em que se observam concordâncias impressionantes com as sensações do “já visto” e “já sentido” que havia experimentado o autor, o qual escreve:

Iblet de Challant foi o Senhor de Montjovet, São Vicente, Challant, Graines, Verrés e Issogne. Nasceu em 1330 e esteve durante sua juventude na Corte do Conde de Sabóia, Amadeu VI, o “Conde Verde”, que teve por ele uma estima e uma amizade fraternais. Começou então um episódio novelesco que pesou consideravelmente sobre a natureza e os acontecimentos de sua vida. Segundo parece, uma ardente paixão recíproca uniu os corações de Iblet e Branca de Sabóia (o fantasma de Verrés?), irmã do “Conde Verde”, mas, que razões de Estado levaram Amadeu VI a romper aquele amor, concedendo a mão de sua irmã ao feroz Duque de Milão, Galeas Visconti? Isso explica a vacilação de Iblet em casar com Jacqueline de Châtillon, que seu pai, Juan de Challant, lhe havia destinado, e sua decisão de acompanhar o Conde Verde na expedição ao Oriente, em 1366. Esta expedição partiu de Veneza e se compunha de 16.000 homens (Quem sabe se referiam a este acontecimento minhas impressões do “já visto” quando me encontrei pela primeira vez em Veneza? Procediam do mesmo acontecimento as reminiscências simultâneas de armas e guerreiros, de caravelas e galeras que formigavam confusamente em minha memória e que se reorganizaram em sonho). Ao chegar às costas de Morea, a expedição se reorganizou e tomou de assalto Gallipoli, que domina a entrada do mar de Mármara, em cuja ocasião se distinguiu Iblet por seu valor. Por fim, trasladou-se para Constantinopla (o quadro de Gonzaga?)...

Tudo isto se refere, sobretudo, às lembranças Oriente.

Passando às reminiscências da Itália, nosso autor achou estas outras passagens que têm relação com elas:

A crueldade de Juan Galeas Visconti e sua avidez de conquistas determinaram aos príncipes italianos a juntarem-se sob as ordens do Conde Verde (1371). Iblet toma parte na expedição comandada pelas forças de Sabóia e organiza um golpe de mão para penetrar, com seu sobrinho Bonifácio e um punhado de homens de confiança no castelo de Milão. O manuscrito não explica o objetivo principal de tão arriscada empresa, mas é possível que se tratasse de conseguir que Iblet falasse com Branca de Sabóia e a induzisse a fugir. Iblet é descoberto e teria pagado sua audácia com a vida não fosse a nobre intervenção de Alberico de Barbiano, que se achava às ordens de Galeas Visconti e o salvou. Que misteriosa relação entre este acontecimento e o encontro estranhamente fortuito com aquele outro Alberico de Barbiano, descendente seu, que visitou comigo os castelos do vale de Aosta! Há outros pontos de contato entre Iblet e Alberico, ambos falecidos no curso do mesmo ano de 1409.

Iblet volta à frente das forças de Sabóia na expedição empreendida pelo Conde Verde (1377) para liberar Biella do senhorio de Juan Fieschi, bispo de Vorceil, ajudado e incitado este por Galeas Visconti. Suas tropas obtêm uma brilhante vitória e, inclusive, tomam prisioneiro o Bispo, confinado no castelo de Montjovet. Por causa disso, Iblet foi excomungado pelo papa Gregório XI.

A excomunhão pesa dolorosamente sobre a alma de Iblet e em suas relações com seus vassalhos... Depois da morte de Gregório XI, ao ser nomeado papa Urbano VI, Iblet consegue que seja revogada a excomunhão, mas sob a condição de realizar um ato de humildade respeitosa para o bispo na Basílica de Santo André, em Verceil... (Este acontecimento se relaciona talvez com a estranha sensação que me fez penetrar na dita Basílica, para unir de imediato a ela a evocação de um ato, doloroso, de humilhação oprimente, realizado por mim?).

Estas são as notabilíssimas concordâncias que se encontram entre as impressões, as reminiscências as visões do engenheiro José Costa e os acontecimentos que caracterizaram a existência pessoal de um cavaleiro da Idade Média. É indispensável ir mais longe na vida aventureira de Iblet de Challant, que, desiludido pela ingratidão que para com ele tiveram os poderosos, terminou por se retirar, indignado, ao seu castelo de Verrés, que embelezou com altíssimo sentimento artístico. Morreu em 1409, vivamente lamentado por sua família e seu país.

Outra coincidência de caráter distinto, mas notavelmente sugestiva, consiste em que Iblet de Challant era de estatura gigantesca e compleição atlética, exatamente como o Sr. José Costa!

E ainda mais: existe um retrato de Iblet de Challant que o apresenta com 30 anos. O senhor Costa publicou uma fototipia do mesmo, colocando frente a ela seu próprio retrato de quando tinha mais ou menos a mesma idade. Pois bem, ambas as fotografias se parecem a um ponto tal que se colocasse na cabeça de Iblet de Challant o capacete de oficial da cavalaria que leva o senhor Costa em sua foto, pareceria que os dois retratos representam a mesma pessoa.

Depois do que acabo de dizer, e levando em consideração o que me declarou pessoalmente o senhor Costa, de que não tem nenhuma dúvida sobre haver vivido outra vida, na qual foi um cavaleiro medieval chamado Iblet de Challant, é preciso convir que tenha ele boas razões para fazê-lo.

Do ponto de vista científico, o detalhe que é preciso levar em consideração especial é o do fantasma do castelo de Verrés, que revela ao sensitivo-vidente que nos arquivos privados de um patricio da Ligúria acharia a biografia de um esquecido personagem da Idade Média, que nasceu e viveu em outra província da Itália, biografia cuja existência

ninguém no mundo conhecia, salvo, talvez, o proprietário dos arquivos onde estava guardada. Este detalhe representa um interesse teórico considerável, já que demonstra a origem supranormal da visão de Verrés, que se une indissolavelmente a todas as impressões de “paramnésia” experimentadas pelo Sr. Costa.

Em resumo: considerando que o fantasma de Verrés chamou o sensitivo pelo nome de “Iblet”; considerando que os incidentes pessoais, os amores contrariados, as façanhas guerreiras do cavaleiro que assim se chamava e viveu na Idade Média, concordam admiravelmente com as impressões, as lembranças e as visões que o Sr. José Costa experimentou desde a meninice até a idade viril; considerando que as múltiplas explicações com as quais a psicologia oficial se esforça para explicar os fenômenos de “paramnésia”, desde as diversas teorias de “falsa memória” até a hipótese da sugestão, da autossugestão, das “coincidências fortuitas” e da “telestesia durante o sono” são todas relativas a estados psicológicos, patológicos ou supranormais que não puderam produzir uma convergência de impressões subjetivas perfeitamente concordantes com os acontecimentos vividos por um personagem da Idade Média, obscuro e esquecido; considerando que devemos contemplar tudo isso, há que deduzir logicamente que a única conclusão legítima que se pode extrair dos fatos em conjunto é a que encara a possibilidade de o engenheiro José Costa ter vivido anteriormente outra vida, na pessoa de um cavaleiro medieval chamado Iblet de Challant.

(Anotações:

Ao concluirmos a leitura de mais uma obra importante referente ao caminhar do Espiritismo, nós podemos verificar a redundância de determinados assuntos... Desde os mais antigos escritos religiosos ou filosóficos conhecidos pela humanidade nós podemos encontrar os ensinamentos de uma vida transcendente, mas que sempre foram e são esmagados, apagados, deturpados etc. pelos interesses materialistas dos detentores do poder terreno. A redundância está em que o mundo espiritual, pela Lei do Criador, sempre continua, e continua, a revelar os mesmos ensinamentos, apenas diferentes pela atualidade humana, alertando-nos para os corretos valores morais eternos e os errados valores da amoralidade materialista. Aqui no mundo terreno nos julgamos de acordo com o nosso estado evolutivo espiritual; se mais moralizado, entende; se menos moralizado, não entende. Como está a nossa moral? Vamos estudar a Doutrina dos Espíritos...

FIM

